

FUNDADO POR EDSON RÉGIS
EM 22 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Junho 2017 – ANO LXVIII Nº 4



CHICO
FERREIRA

A complexa simplicidade
dos fazeres artísticos

Sesc 70 anos



O Sesc está presente há 70 anos na vida dos brasileiros. E nessas sete décadas são muitos os motivos para comemorar!

Atendendo aos trabalhadores paraibanos do comércio de bens, serviços e turismo, o Sesc atua nas áreas de **Saúde**, **Lazer**, **Assistência**, **Cultura**, além de promover **Educação** através do Ensino Fundamental e Médio.

www.sescpb.com.br

Artes de Chico

Há 35 anos, o pintor e ceramista Chico Ferreira, natural de Catolé do Rocha, no Sertão da Paraíba, realizava, no Hotel Tropicana, em João Pessoa, sua primeira exposição de pinturas. Hoje, o artista vive a plenitude criativa, senhor de suas técnicas, tanto na pintura como na escultura e nos objetos ornamentais e utilitários.

O artista já esteve nas ruas, protestando, por meio de sua arte, contra as desigualdades econômicas e a devastação da natureza, entre outras causas nobres, aliás, bastante atuais. Esteve também nas galerias, tanto do Brasil como do exterior, e não se nega a participar de salões, seja de arte ou de artesanato.

Chico estabeleceu um diálogo permanente entre as estéticas tradicionais e de vanguarda, que se expressa a partir dos materiais que ele utiliza, desde a argila criteriosamente colhida na Paraíba ao ferro-velho de proce-

A história, a cultura e a experiência pessoal são fontes constantes de informações, para o artista, que as transfiguram em elementos de sua pintura, de sua estatuária e de seus objetos decorativos e utilitários.

dência indefinível, passando por vidros, resinas e esmaltes, evoluindo, daí, para as formas e os conceitos.

A história, a cultura e a experiência pessoal, acima de tudo, a infância sertaneja, são fontes constantes de

informações, para o artista, que as transfiguram em elementos de sua pintura, de sua estatuária e, também, de sua arte decorativa e utilitária, que vai além, muito além, do simples artesanato.

Se na pintura e na escultura do artista pulsam as tensões do mundo e tomam forma os entes de sua fantasia, para dizer o mínimo sobre essas modalidades, a manufatura de objetos (louças, lavabos, castiçais, lajotas etc.) não fica atrás, no que diz respeito ao refinamento técnico e conceitual, à beleza, enfim.

A arte de Chico está nos jardins, nas salas e nas mesas do mundo. De mãos dadas, o passado e o presente do Brasil seguem junto com ela, por uma estrada que ruma para um futuro de harmonia, uma concórdia que, na verdade, não existiu nem existe na realidade, mas que é dever de todo artista proclamá-la.

O Editor

índice



ARTES

O pintor e ceramista Chico Ferreira põe em pratos limpos vida e arte, e serve o mundo com o melhor de si em forma de esculturas, pinturas e objetos.



MOVIMENTO

Centenas de escritoras estarão reunidas, de 12 a 15 de outubro, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, durante o "Mulherio das Letras".



POESIA

O poeta baiano Ruy Espinheira Filho está de volta às páginas do *Correio das Artes* com três poemas inéditos, ilustrados pelo artista plástico Tônio.



ROMANCE

O escritor português Victor Oliveira Mateus estreia no *Correio das Artes* com uma resenha do romance *O Evangelho segundo Lázaro*, de Richard Zimler.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luis Tórres

Superintendente
Albige Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Felipe Gesteira

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Foto da capa
Camila Dias

Ilustrações e artes
Domingos Sávio,
Tônio e Manuel Dantas
Suassuna



Mundo: o livro mais importante

A INFLUÊNCIA DA LIÇÃO DE
PAULO FREIRE NA VIDA E OBRA DO
ARTISTA PLÁSTICO CHICO FERREIRA

William Costa

Editor do *Correio das Artes*

O escritor e dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014) costumava citar uma frase do pensador católico Alceu Amoroso Lima (1893-1983) que, em outras palavras, chama atenção para a importância de um eixo que corre do Nordeste até Minas Gerais, que, não por coincidência, segue o curso do São Francisco, o rio da unidade nacional. “A esse eixo - ressalta Tristão de Ataíde -, o Brasil tem que voltar de vez em quando se não quiser esquecer que é Brasil”.

**Na escultura,
Chico aprofunda a
interlocução crítica
com a complexa
sociedade coetânea,
como também com a
história da arte**

► O retorno ao qual Tristão de Ataíde se refere não se limitaria à realidade brasileira. De certa forma, haveria, no fundo, “um desejo de regresso a uma origem” incrustado em todas as culturas quando estas, avançando no tempo e no espaço, mal ou bem, se transformam. Na verdade, isto representaria uma condição demasiada humana. Bastaria lembrar a emblemática viagem de volta protagonizada por Ulisses, o herói grego da homérica *Odisseia*.

O pintor e ceramista Chico Ferreira, 59 anos, metade dos quais dedicada à atividade artística, não foge à regra. Nem poderia, talvez. Natural de Catolé do Rocha, no Sertão da Paraíba, botou o pé na estrada logo cedo e, a bordo de sua arte-nau, velejou pelo Brasil, estabelecendo a cidade de João Pessoa como porto seguro, e atravessou o Atlântico – o que não deixa de ser uma viagem de retorno ao contrário -, aportando em terras de França, Portugal e Espanha.

Em 1982, ou seja, há exatos 35 anos, Chico realizou, no Hotel Tropicana, em João Pessoa, sua primeira exposição de pinturas. De lá para cá, o artista projetou-se, também, como escultor, destacando-se pela versatilidade criativa. Além de uma rica e diversificada estatuária, de variadas formas e conceitos distintos, desenvolveu uma cerâmica utilitária que, além de garantir a sobrevivência financeira, ajudou a abrir as portas do mundo para o seu inegável talento.

De senso crítico aguçado, inquieto e polêmico, tanto em questões de estética como de política, Chico levou sua arte não só às paredes das galerias, como também às ruas, promovendo exposições individuais, participando de mostras coletivas e realizando intervenções urbanas. A questão financeira o levou a criar o projeto UTI das Artes, uma proposta de avaliação crítica e reformulação da produção artística que daria novos rumos ao seu trabalho.

Os títulos das intervenções públicas e exposições de Chico, iniciadas nos anos de 1980, são emblemáticos, no que diz respeito ao posicionamento estético e ideológico do artista: *Mosaicos no as-*



falto, Ratos do poder, Leite Ninhum, O prato é porco, Arte pra burro. Na primeira década dos anos 2000, ele se distancia da crítica de peito aberto, e fica mais restrito ao atelier, salões e galerias: *Lendas brasileiras, Bonecas de pano, Cor, Caixa 2, A caminho do Cabo* etc.

OUTRA POSSÍVEL CHAVE: A CASA DO ARTISTA

Chico Ferreira mora com a mulher, Camila Dias, e a filha do casal, Capitu, na casa que construiu na Rua Bacharel Manoel Pereira Diniz, 412, Jardim Cidade Universitária, Zona Sul de João Pessoa. A residência-atelier é aprazível e os anfitriões são acolhedores. Há árvores e plantas (para alimento, remédio, sombra e ornamento) e obras de arte em abundância, o que torna perceptível a harmonia existente entre seres humanos, arte e natureza.

Esta talvez seja a chave do enigma. Em casa Chico exercita sua maneira peculiar de se relacionar com o mundo. O interesse pela gastronomia, o contato com a terra do quintal e do jardim, com a água dos tanques e fontes, no manejo diário de plantas e de peixes, remetem ao passado sertanejo. São visíveis os diversos símbolos da tradição rural que o artista irá renovar por conta da convivência direta e assimilação crítica da cultura urbana.

Chico é um pintor da tradição figurativa, com nuance surrealista. Sua pintura apresenta duas vertentes básicas: a transfiguração de espécies da fauna brasileira, nordestina em particular, em

Chico Ferreira no pátio de sua casa, ao lado de esculturas inspiradas na fauna nordestina

acrílica sobre telas, nas quais se sobressaem o equilíbrio cromático e o ritmo das composições; e uma leitura quase expressionista das novas tribos urbanas, representando, por exemplo, os comportamentos da juventude diante de um mundo cambiante.

Na pintura, portanto, Chico alerta para a preservação da cultura popular e do meio ambiente – por extensão, das tradições e da geografia familiares -, sem, no entanto, negar, dentro de limites, digamos assim, racionais, a importância das transformações provocadas, no campo da estética, por exemplo, pelas novas tecnologias e novos comportamentos sociais. Ou seja, o artista está aberto ao diálogo e à mudança, mas não abre mão da essência de seus valores.

Na escultura, Chico aprofunda a interlocução crítica com a sociedade capitalista coetânea, como também com o imaginário popular - as lendas brasileiras, tanto da tradição oral quanto da escrita. Domina a técnica da queima, em médias e altas temperaturas, torna-se mais seletivo na escolha de materiais telúricos, principalmente a argila, matéria-prima elementar da cerâmica, e incorpora elementos “extemporâneos”, como vidro, resinas e ferro-velho. ►

FILOSOFIA DA ARTE: “BRINCADEIRA MAIS SÉRIA”

Do mesmo modo que Ariano Suassuna repartia a natureza humana em dois hemisférios (um palhaço, no qual imperam o lúdico e a poesia; e outro real, com predominância da filosofia, ou seja, do pensamento racional), também podemos observar uma dicotomia básica na arte de Chico Ferreira. O artista dá seu depoimento pessoal sobre o mundo por meio da arte, mas não descarta o aspecto lúdico, ou seja, criar também é uma forma de se divertir.

Ao longo de mais de trinta anos de trabalho, Chico criou, fiel ao lema de “desconstruir a ordem”, uma infinidade de formas, levando-se em conta sua versatilidade criativa: pequenas, médias e grandes esculturas (com motivos tirados da “imaginação pura”, do inconsciente coletivo, da leitura crítica do mundo) e pinturas (acrílicas sobre tela), além de uma diversificada vitrine de objetos artísticos, ornamentais e utilitários (louças de todos os tipos, castiçais, lavabos, lajotas, cinzeiros etc.).

O segmento totêmico, portanto, mais alto, de sua estatuária remete ora à representação de arquétipos culturais, ora a uma subjetividade de múltiplas leituras (estranhos seres marinhos, por exemplo). As grandes “cabeças” também são representativas das tribos urbanas. As peças de baixa estatura são transfigurações por vezes lúdicas de alimárias, com enxertos que vão da sucata à madeira, sem esquecer, claro, dos vidros e esmaltes, que emprestam colorido às obras.

Aves, mamíferos e répteis, de formas distorcidas, espalham-se pelas paredes e prateleiras da casa, com pés e chifres de metal ou madeira. Chico recria os animais de sua infância, e o faz brincando, como os meninos e meninas que vão para as beiras dos rios e açudes transfigurar no barro os bichos que vêm presos nos quintais ou soltos na natureza. A diferença é que a argila sofre agora a influência de um olhar quase sessenta anos deitado sobre a existência.



Esculturas de Chico Ferreira (atelier do artista, no Jardim Cidade Universitária)

A cerâmica de Chico não para no tempo, nem se enquadra no gesso de um estilo imutável. O artista segue incorporando novas informações oriundas da cultura, da história, da biografia. Elementos da arte dos tecidos (crochê, fuxico etc.), da arte das corporações de ofício (portas, portões, janelas, grades, balastradas etc.), enfim, o passado também está presente na cerâmica de certo modo futurista (por apontar tendências) do engenheiro artista paraibano.

Uma vitrine importante para o trabalho de Chico é o Salão do Artesanato da Paraíba, do qual o artista tem presença assídua. O convívio com artesãos e artistas populares de várias procedências, além do contato direto com o público, acabam por influenciar, também, sua própria produção. Em cada edição do Salão do Artesanato surgem ideias, e as ideias são o principal alimento do artista. Isto sem falar na importância econômica do evento.

SAINDO DA UTI: ESPLENDOR DA ARTE UTILITÁRIA

O objetivo maior do projeto UTI das Artes, criado por Chico Ferreira na década de 90, era garantir a sobrevivência do artista através da chamada arte utilitária – produção e venda de utensílios domésticos produzidos de forma artesanal, ou seja, em série. No entanto, o aprofundamento das pesquisas, o domínio pleno da técnica e a busca por novos formatos acabaram por elevar, paulatinamente, o diversificado acervo utilitário ao patamar de obras de arte.

Hoje, a cerâmica original de Chico ganhou o Brasil e o mundo. Entre outras funções, ornamentam ambientes interiores e exteriores de casas e condomínios residenciais, e dão suporte a incontáveis gastronomias, seja em mesas particulares, seja de bares e restaurantes. É como se a terra paraibana, espiritual e materialmente, alimentasse pessoas em todo o planeta – ninguém sabe aonde vão parar os objetos criados pelas mãos de um artista.

O ESPÍRITO DAS FONTES

Um agradável exercício estético é observar a natureza antropofágica da cerâmica de Chico Ferreira. De modo especial, os variados objetos que ele cria, utilizando, como matrizes, elementos emprestados da singular arquitetura histórica e artística da cidade de João Pessoa. O artista bate à porta do passado, reivindicando, ou melhor, ressuscitando uma forma de existir que a sociedade contemporânea esforça-se, consciente ou não, para destruir e esquecer.

Falamos em antropofagia para memorar a atitude (ou tentativa) modernista de assimilar informações estéticas vindas do exterior, sem, no entanto, descaracterizar a arte brasileira. Ou, pelo menos, de não temer este diálogo; esta dialética para cuja construção a obra de arte se doaria de corpo e alma. Chico captura fragmentos de formas artísticas que sobreviveram ao tempo, molda-os e os incorpora à sua linguagem, enriquecendo-a de novos significados.

Esta parte do projeto estético de Chico sobre a qual nos referimos abraça outros horizontes conceituais. O artista preocupa-se em perceber o passado no presente. Ou seja, não dissocia o objeto artístico contem-

▶ porâneo da tradição a que toda verdadeira vanguarda prossegue, como espírito das fontes. Os fragmentos de ferro e madeira, de procedência diversa, que ele enxerta na argila ou transforma em matrizes, é parte essencial de sua antropofagia.

Segmentos de grades de ferro que ornamentaram edificações de diferentes épocas e estilos, por exemplo, irão cumprir nova missão no tempo e no espaço, ao serem transformados, pelo engenhoso artista, em obras de arte, com feições plásticas e finalidades completamente diferentes das originais. A presença, ou melhor, o espírito artístico dos mestres de ofício, por exemplo, recebe o sopro da criação, e renascem, como Fênix, no fogo do forno de Chico.

Com isto, Chico livra das malhas do esquecimento, como foi dito, manufaturas dos geniais artífices ligados às antigas corporações de ofício, responsáveis pela execução, na cidade de João Pessoa, dos maravilhosos projetos idealizados pelos artistas de períodos históricos como o barroco, o rococó, o art-nouveau, o art-déco etc. Existiria algo mais contemporâneo, do ponto de vista conceitual, que este intercâmbio, este diálogo multicultural que o artista estabelece?

Esta vertente da multifacetada cerâmica de Chico cumpre, ainda, a importante missão de chamar atenção para a degradação do patrimônio histórico e artístico da capital paraibana, em função do descaso dos herdeiros, do desinteresse dos poderes públicos ou da gananciosa especulação imobiliária. E não só da parte, digamos assim, material da história. Há um profundo questionamento acerca da maneira como lidamos conosco mesmos e com a natureza.

O olhar sensível de Chico capta, portanto, a formosura do detalhe que, não raro, chega a ser superior ao conjunto da obra. Aquele momento em que o criador para, observa o que criou ou instalou e, com um suspiro, comemora no anonimato o êxito artístico que alcançou. Deste amálgama de experimentação estética e consciência histórica, que o fogo celebra, ressurgem, em

variadas formas e esmaltes, a Beleza, única *deusa* a que todo autêntico artista deve se sujeitar.

A LINGUAGEM É A MESMA, A DIFERENÇA ESTÁ NOS FAZERES

Chico Ferreira admite que o processo constante de renovação, ou seja, a procura de novos caminhos, novas soluções, tanto técnicas como conceituais, resultou em uma espécie de padronização. “Se você observar com acuidade o conjunto da minha obra, vai perceber que a linguagem é a mesma, mas existem diferenças de fazeres, não só de coloração, mas de formas, até mesmo de ‘limpeza’, na parte escultural, principalmente”, esclarece.

Segundo o artista, isso vale também para os objetos, de uma maneira geral. “Eu acho que há uma definição maior, uma objetividade maior. Não é uma coisa solta, não é uma coisa tão vaga”, ressalta. E acrescenta que, talvez, isso tenha a ver com a idade, mesmo, com a maturidade (em setembro o artista completa 60 anos de idade). “Acho que com o tempo a gente vai se tornando mais criterioso com relação à vida, ao todo, não é só profissionalmente”, completa.

Chico gosta de fazer, de experimentar, de exercitar até o limite a sua curiosidade natural. Está lá, no seu atelier, como também está por aí, consubstanciado em milhares de obras, artísticas ou artesanais, ou as duas coisas juntas, o resultado de seu intrépido espírito criativo. “Não há sentido em trabalhar apenas para ganhar dinheiro. Procuro estabelecer uma harmonia, do ponto de vista da linguagem, entre pintura, escultura e objetos”, pontua.

A fase atual da arte utilitária de Chico tem por nomenclatura a cerâmica pedra. Os objetos não são totalmente esmaltados. A argila mostra-se em suas tonalidades naturais, num meio a meio com os esmaltes, e a lixa empresta suavidade à textura. Com isso, o artista obteve novas soluções cromáticas, como também valoriza mais a matéria-prima. O próximo passo, segundo ele, é utilizar argilas das principais re-

giões geográficas da Paraíba.

Ao moldar suas peças com argilas do Litoral, do Cariri, da Borborema, por exemplo, a ideia de Chico é fazer com que as pessoas levem com elas, literalmente, um pedaço de terra paraibana. “Ao deixar uma parte do objeto nua, a percepção das diferenças cromáticas das terras paraibanas fica mais clara, assim como a ação das altas temperaturas sobre elas, ou seja, os efeitos obtidos pela cristalização dos minerais”, explica.

A evolução da cerâmica utilitária de Chico coincide com a ascensão da gastronomia brasileira, cujos chefs levam em conta, também, os objetos que funcionam como suportes dos alimentos. O artista atribui esse crescimento da gastronomia ao desenvolvimento econômico do Brasil, e, embora cauteloso nas palavras, não nega que existe, hoje, uma espécie de parceria entre ele e alguns profissionais de arte culinária, e que começa a se expandir pelo país.

Não foi fácil, para Chico, chegar aonde chegou – ele, aliás, é ainda mais reservado quando se toca em assuntos como este. O artista admite que não tem formação acadêmica, e se ressentido, inclusive, de maior refinamento no próprio trato com as pessoas. Confessa, no entanto, que Paulo Freire o alivia dessa culpa, quando o educador afirma que o livro mais importante seria a própria leitura do mundo. “Eu procuro me aprofundar neste sentido”, acentua.

Para o artista, o que importa é o olhar intimista para as coisas ao redor, para o seu cotidiano que, segundo ele, não é só dele, mas de todo mundo. “Então quando se consegue ter uma visão mais intimista você está olhando toda uma geração, toda uma civilização. Eu posso estar equivocado, mas quanto mais avançado o homem se encontrar, mas necessidade ele vai ter de se encontrar com a sua essência. Por que é que o homem sempre volta?”, indaga. ❖

William Costa é jornalista e escritor. Cronista e articulista de *A União*, edita também o *Correio das Artes*. Para tocar suas mãos (*Ideia*, 2017) é o seu primeiro livro de crônicas. Mora em João Pessoa (PB).

Arte urbana na pós-modernidade

Carlos Alberto Azevedo
Especial para o *Correio das Artes*

PARA
FLÁVIO TAVARES E ALBA

Na pós-modernidade a arte das ruas sofreu perdas e danos. Não me perguntem o que é pós-modernidade. Recorram às obras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017). Mas se insistirem na pergunta, direi que pós-modernidade é “pós-tudo”, como a definiu Haroldo de Campos.

Quais são as perdas e danos sofridos pela arte das ruas? Primeiramente, o espectador da arte das ruas não é mais o mesmo. É, hoje, o transeunte que não tem mais confiança na cidade (ver Bauman: *Confiança e medo na cidade*, 2017). Sofre do mal-estar da pós-modernidade: o “medo líquido”.

De fato, o maior sentimento que a cidade pós-moderna inspira é de medo:

Há uma condição de alerta permanente: perigos que se diz estar à espreita bem ali na esquina, fluindo e vagando de acampamentos terroristas disfarçados em escolas e congregações religiosas islâmicas;

de subúrbios habitados por imigrantes; de ruas perigosas infestadas de membros das subclasses; de “distritos turbulentos”, incuravelmente contaminados pela violência; de áreas de acesso proibido em grandes cidades. Perigos representados por pedófilos e outros delinquentes sexuais à solta, mendigos agressivos, gangues juvenis sedentas de sangue, vagabundos e caminhantes furtivos. As razões para ter medo são muitas... (Bauman: *Medo e modernidade líquida*, 2014).

Mural do artista brasileiro Eduardo Kobra, pintado na Via Prenestina, em Roma, retratando a ativista Malala Yousafzai

Assim, pois, somos seres opacos, não vemos mais a poesia da cidade, os seus mistérios e belezas escondidos nos vazios urbanos. Àquilo que os artistas plásticos Hélio Oiticica e Lygia Clark descobriram no Rio de Janeiro dos anos 1960, quando praticavam “errâncias urbanas”, no sentido dado por Walter Benjamin.

Com essa opacidade, isto é, a falta de sensibilidade do transeunte diante da vida pós-moderna - quem perde é a arte das ruas. Os belos e coloridos grafites, as ariscas e enigmáticas pichações tornaram-se “invisíveis” aos olhos do outro - do transeunte.

Ninguém olha mais para nada - não é Walter Benjamin? Perdemos nestes “tempos líquidos” a capacidade de olhar. Não existe mais àquela relação: “o que vemos, o que nos olha”, desenvolvida na dialética do filósofo francês Georges Didi-Huberman. Não esquecer nunca de que “a arte é algo que se vê”.

Hoje, nosso olhar é outro: olhamos para baixo, olhamos par o visor do celular e andamos, andamos, andamos e andamos... Não andamos mais à toa - “andar a Zonzo” - como enfatizou o arquiteto e urbanista italiano Francesco Careri, autor do notável Walkscapes: *O caminhar como prática estética* (2013).

Careri, com seu projeto *Stalker* (inspirado no emblemático filme de Andrei Tarkovski de

1979), ensinava os seus alunos de arquitetura “andar a Zonza” pela cidade de Roma. “Seu curso era totalmente paripatético, em que se caminha interagindo in situ com os fenômenos emergentes”, salientou Paola Berenstein Jacques, prefaciadora da obra de Francesco Careri.

Voltemos ao grafite. Não quero com isso, jamais, anunciar a morte desta forma de arte urbana, quero apenas dizer que o grafite perdeu muito de sua visibilidade.

Que fazer?... Por que não utilizar as calçadas como suporte? Usar uma nova plataforma artística. Como vem fazendo os artistas do coletivo espanhol Boa Mistura; pintam calçadas com jogos de palavras e ilusão de ótica. O grafiteiro Pablo G. Mena (do Boa Mistura) esteve recentemente em João Pessoa, na Semana Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, organizada pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba (Iesp), expondo suas ideias na mesa-redonda *Patrimônio, arte urbana e novas identidades na cidade*.

De certa forma, isso seria voltar à antiga tipografia da pichação tradicional: letras, frases, ideias.


O grafiteiro e pichador paulistano Mauro Neri não abriu mão desse recurso artístico. Escreveu nas calçadas de São Paulo a mesma frase de sempre: “Veracidade”, ou seja, “ver (a) (cidade).

Um exemplo clássico foi o carioca José Datrino (1917-1996), mais conhecido como “profeta” Gentileza, que escreveu seus aforismos embaixo do Viaduto do Caju, na Avenida Rio Branco.

Em 2001, Joãozinho Trinta dedicou a Gentileza o enredo da Escola de Samba Grande Rio: Gentileza o profeta do fogo. Foi também imortalizado pela cantora Marisa Monte com a bela música *Gentileza* (devo esta informação à escritora Zélia Almeida).

Atualmente, os tempos são bastante ásperos para a arte das ruas. Em São Paulo, o prefeito João Doria mandou “apagar” os grafites e as pichações (“Pixo”). Em nome de um projeto absurdo: Cidade Limpa (Cidade Cinza!!!).

Não sabe Doria que a potência social do grafite é eterna. Penso naqueles grafites de Pompeia, cidade romana destruída pelo Vesúvio, em 79 d.C. Não se pode apagar a memória social de uma cidade inteira:

Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza. Marisa Monte 

Carlos Alberto Azevedo é antropólogo e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Trabalha no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Recentemente, criou o Núcleo Mário Pedrosa de Pesquisa em Arte Urbana. Mora em João Pessoa (PB).

A Voz do Mulherio

ECOIA EM JOÃO PESSOA

Movimento nacional
de escritoras chega
em outubro à capital
paraibana

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

A Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) deste ano, além de homenagear Lima Barreto, anuncia mais espaço para escritoras. Ano passado, a Paraíba sediou o lançamento da coletânea *Ventre urbano*, com seleção de contos escritos por mulheres residentes no estado. Mora em João Pessoa, aliás, a autora que mais vem colecionando prêmios literários do país, vide Jabuti e Casa das las Américas: Maria Valéria Rezende. Aqui, onde o Sol nasce primeiro, a mulher começa a falar primeiro também na literatura. Não por acaso, sedia, entre os dias 12 a 15 de outubro, no Espaço Cultural José Lins do Rego, com abertura oficial na Fundação Casa de José Américo, o “Mulherio das Letras 2017”, evento que promete reunir escritoras de todo o país na Capital das Acácias.

Uma das organizadoras do evento, Mabel Dias informa que são mais de 3 mil mulheres na organização do “Mulherio”. Segundo ela, é um encontro que está sendo organizado de maneira coletiva e de forma horizontal aqui em João Pessoa, onde, além de Mabel, estão Maria Valéria Rezende, Kenya Queiroz, Valeska Asfora, Mayara Vieira, Débora Gil Pantaleão, Aline Andrade, Leticia Palmeira, entre outras.

Detalhes do evento ainda estão sendo fechados, como o local onde será realizado. “Virão escritoras de outros lugares, tanto do Brasil quanto de fora do país. São mais de 3 mil mulheres que estão organizadas em seus estados e se reúnem virtualmente através do Facebook para traçar as ações para o ‘Mulherio’. O ‘Mulherio’ já está acontecendo pelo Brasil. Já houve encontros em São Paulo, Brasília, Porto Alegre e Natal”, conta Mabel. Antecipamos, com exclusividade, que já estão confirmadas as presenças de escritoras e poetisas como: Rosângela Vieira Rocha, Henriette Effenberger, Vanessa Raton, Orleyd Faya, Susana Ventura, Cármen Moreno, Eliana Cardoso, Leonor Cione, Ângela Quinto e Eugênia Zerbini, de São Paulo; Márcia Maia, de Recife; Laís Chaffe, de Porto Alegre; Alessandra Roscoe, de Brasília, e Civone Medeiros, de Natal.

Em Porto Alegre, o primeiro encontro do “Mulherio RS” foi realizado no dia 8 de abril, seguido de um segundo encontro em 23 de maio, produzindo uma série de propostas, ações e manifestações. Em São Paulo, para um primeiro encontro, elas se reuniram na Casa das Rosas, na tarde do domingo 7 de

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Cartazes divulgam o “Mulherio das Letras”, por todos os meios, em circuito nacional



maio, com mais de 30 escritoras. Cada uma apresentou as expectativas para o encontro, que foram muito positivas. “Em comum, há uma necessidade de expressão, de compartilhamento da escrita e, pelo que percebi, todas ficaram contentes de encontrar mulheres com pontos de vista parecidos, embora divergências também tenham sido esboçadas”, informou a escritora Susana Ventura.

Em Brasília, o primeiro encontro do “Mulherio DF” foi em maio numa livraria. Em Santos, já está se organizando o “Mulherio das Letras Baixada Santista”. Uma coletânea de poemas de poetas participantes no “Mulherio” de todas as regiões do Brasil, com um grande número de adesões, a ser lançada no encontro nacional, está sendo organizada pela poeta e editora Vanessa Rattton, em Santos, uma das várias iniciativas que a onda do “Mulherio” está suscitando pelo país afora.

Maria Valéria Rezende explica como se decidiu pela realização do evento na Paraíba: “Após uma reunião improvisada com um grupo de mulheres em Paraty, durante a FLIP 2016, o ‘Mulherio das Letras’



Escritoras comemoram o 'Mulherio das Letras Rio Grande do Sul!

► escolheu João Pessoa para fazer este encontro nacional, e ele revelou-se possível através da co-realização com a Secretaria de Cultura da Paraíba (Secult), a ONG Porta do Sol e a Universidade Federal da Paraíba”.

Para Maria Valéria Rezende, o “Mulherio das Letras” será um momento para o fortalecimento, a troca de experiências, a geração de projetos e parcerias entre as mulheres que produzem e promovem a literatura no Brasil. O encontro terá um estilo inovador, não adotando o modelo padrão de festivais ou feiras, como os que se multiplicam pelo país há alguns anos. “A ideia mesmo é de um grande encontro entre nós, com exposição de livros, rodas de diálogo, saraus, partilha de conhecimentos”, ressaltou. O “Mulherio das Letras” contará também com espetáculos teatrais e uma livraria, que exporá e venderá ao público os livros das participantes.

Mabel Dias destaca que a Paraíba vive um “boom” de publicações de mulheres escritoras nos últimos meses, entre elas, a poeta e romancista Débora Gil, que lançou em março sua novela *Causa morte*; a poeta Anna Apolinário, que já escreveu os livros, *Mistrais*, *Solfejo de Eros*, e o mais recente, *Zarabatana*, e, também, Mayara Vieira, que lançou n’A Bodega Arte Café, seu primeiro livro de crônicas, intitulado *Absolutamente crônica*. Podemos citar ainda Cyelle Carmen, Norma Alves, Letícia Palmeira, Romarta Ferreira, entre outras que já vinham publicando há mais tempo. Várias delas estão juntas na coletânea de contos *Ventre urbano*, lançada em 2016, organizada por Letícia Palmeira e Lizziane Azevedo.

Apesar do evento só acontecer

em outubro, as mulheres das letras já estão se preparando para vir a João Pessoa e muitas já estão atuando como Movimento pelo país todo. Pequenos encontros estão sendo realizados em São Paulo, Brasília e Porto Alegre, entre outras cidades, no sentido de organizar caravanas de mulheres que irão disseminar seus escritos em terras paraibanas.

“O ‘Mulherio das Letras’ é um movimento que já existe desde a atuação de todas e de cada uma dessas mulheres no universo das letras, que agora se encontram para discutir ideias e definir novos rumos”, afirma Valeska Asfora, coordenadora da ONG Porta do Sol e uma das co-realizadoras do encontro em João Pessoa.

O “Mulherio das Letras” contará, também, com um programa de rádio chamado “A Voz do Mulherio”, que será transmitido pela rádio portuguesa Terra da Fraternidade e pela rádio web paraibana, Zumbi dos Palmares. A rádio vai funcionar durante o “Mulherio”, em João Pessoa, de 12 a 15 de outubro.

A programação está sendo elaborada de maneira colaborativa por todas. As propostas foram enviadas até o dia 31 de maio e em breve será divulgada a programação completa. Durante o encontro nacional do “Mulherio”, em outubro, será lançado o edital para o prêmio “Carolina de Jesus”, destinado às mulheres escritoras que ainda não foram publicadas em livro solo. O nome Carolina de Jesus é uma homenagem que o “Mulherio” faz a esta escritora que rompeu as várias barreiras da discriminação com seu livro *Quarto de despejo*, publicado em 1960.

SARAU SELVÁTICA

Antes do “Mulherio das Letras”, e para entrar com o pé direito no clima do evento, foi realizado, em maio, em João Pessoa, o “Sarau Selváticas”, evento organizado pelas escritoras Débora Gil Pantaleão e Anna Apolinário, no Quintal Armorial, no bairro do Castelo Branco.

De acordo com as organizadoras, o “Sarau Selváticas” surgiu em meio a esse “paradoxo de trazer aos locais da cidade autoras que estariam escondidas nessa selva, enfatizada pelo universo patriarcal em que ainda vivemos. Ao mesmo tempo, esse encontro vem com fôlego para que essas autoras apareçam cada vez mais no meio literário”.

“Mulheres, feras plenas, sangrando na selva urbana, alquimistas do verso, soberanas senhoras de si. Com a língua atijada, queremos o açoite; neste quintal armorial, estalar o poema no corpo feito fogo.”, diz um trecho do convite para o evento.

Estiveram presentes ao evento as escritoras Aline Cardoso, Anna Apolinário, Débora Gil Pantaleão, Jennifer Trajano, Letícia Palmeira, Moama Marques, Natália Luna e Renata Escarião. A cronista Mayara Vieira aproveitou para expor seu artesanato. ◀

Linaldo Guedes é jornalista e poeta.

Nascido em Cajazeiras (PB), é radicado em João Pessoa desde 1979. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* e *Receitas de como se tornar um bom escritor*. E-mail:

linaldo.guedes@gmail.com.

Hildeberto - a pedagogia do poético

Ângela Bezerra de Castro
Especial para o *Correio das Artes*



Este duplo lançamento, reunindo *As palavras, minha vida* (memorial) e *Os livros (a única viagem)*, extrapola o sentido do que pudesse ser apenas a entrega de uma nova produção literária. Não é estritamente a sua expressão poética ou crítica que o autor faz chegar ao público nesses livros, cuja afinidade de conteúdo permite a afirmação de que viagem e memória são signos inseparáveis nas duas publicações. Diria que a leitura nos conduz ao encontro da memória de uma viagem através da vida e de uma viagem através dos livros, que se realimentam mutuamente e se condensam numa única realidade.

O *Memorial*, escrito a pretexto de uma obrigação acadêmica reconstitui a travessia de Hildeberto desde

o abc e a tabuada
a palmatória pesada
e a ira de Dona
Zulmira

até os novos projetos, os de hoje, após conquistar a titularidade, nível mais alto da carreira de professor universitário e, a seguir, a aposentadoria pela UFPB. Reconhecidamente uma trajetória exemplar, a cada passo sempre recomeçado em direção a sua “estrela da vida inteira”.

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Ângela Bezerra de Castro fez a leitura dos livros do confrade Hildeberto

Na elaboração desta narrativa autobiográfica, o autor se deixa conduzir por uma aguda consciência crítica, o que se revela, inicialmente, pelas considerações preliminares sobre os “imperativos do discurso da recordação”. Mas é na construção do texto propriamente dito onde se destacam os limites que ele se impôs, ao recompor uma caminhada de cinco décadas, com ênfase para o processo de sua formação intelectual, de atuação no magistério e de interferência no cenário cultural, através da escrita.

De Aroeiras, passando por

Campina Grande e fixando-se em João Pessoa cumpre-se um longo percurso de crescimento e de afirmação. Um percurso sempre ascendente que exigiu, sem dúvida, considerável esforço do estudante, do professor e do escritor. No entanto, Hildeberto assume uma elegante sobriedade enquanto recompõe esse trajeto que o levou a ser referência obrigatória na área de literatura, um expoente da crítica literária, um estilo consagrado, um verdadeiro imortal desta Casa das letras.

Pelo tom escolhido, o autor evita realçar as conquistas ou enfatizar as dificuldades. Tudo flui como se estivesse dentro da previsão de um horizonte de expectativas, com a naturalidade do que tinha de ser. Mesmo quando ele fala de ministrar mais de dez horas-aula por dia; quando se refere à permanente conciliação entre as atividades de estudante e de professor; quando resolve reiniciar a licenciatura em Letras, depois de pós graduado em Direito, pela USP; quando é instado, na Universidade, a ministrar múltiplas disciplinas; enfim, quando recorda as pedras que precisou contornar ao longo do caminho. Apenas, no final, uma ▶

▶ sutil referência a Sísifo dimensiona e qualifica o enfrentamento diário empreendido pelo professor.

Para recapitular sua aventura através dos livros, Hildeberto escolhe a crônica, como forma de expressão. A plasticidade do gênero lhe permite utilizar diferentes recursos na abordagem do tema e de seus correlatos. Então o autor exercita toda a liberdade criativa, impulsionado pela paixão mil vezes confessada.

Em vez do ensaio teórico de exigência mais lógica, formal e erudita, o tema em fragmentos para que possa ser alcançado em todas as variantes, explorado em todos os matizes. Quem conhece o poeta, identificará na elaboração desses textos a mesma subjetividade, o mesmo lirismo, a mesma impetuosidade dos seus versos. O saber e o sabor em íntima convivência e complementaridade.

Muitas vezes Hildeberto assume uma postura de lúdico encantamento e parece recuperar, no contato com os livros, “as mais puras alegrias de sua infância”. Assim é que abre para o leitor o castelo encantado onde guarda os mais preciosos tesouros. A Biblioteca, com as alamedas de estantes que têm nome próprio, identidade e a vibração de seres vivos, na ordem imaginária que cria para nosso poeta a interação permanente, o diálogo criativo, a íntima convivência com os escritores de ontem, de hoje, do sempre, de todas as latitudes e longitudes.

Essa viagem única tem o sabor incomparável do faz-de-conta. Confesso que percorri muitas vezes aquelas alamedas de espantos, sob “as letras de brasa das estrelas”, e pássaros de todos os cantos dividiram comigo as romãs e os pêssegos colhidos, nas safras de metáforas do poeta.

Optando por uma forma não acadêmica para dividir com o leitor os segredos de sua paixão pela literatura, o crítico se torna mais acessível, se faz companheiro e exemplo. Mesmo que não exista um propósito pedagógico nesta viagem, que a crônica enriquece com a paisagem de muitas estações, fica a inspiração de uma forma de ser e, mais ainda, a valoração de nomes, de livros e de textos consagrados pelo autor, um desafio para a curiosidade. Motivados por essa leitura,

muitos tentarão elaborar a lista de seus contos prediletos, ou de seus romances inesquecíveis. Outros tantos, instigados pelas seleções do crítico, podem seguir os mesmos caminhos, ao encontro de suas próprias verdades.

Leio e admiro Hildeberto desde a primeira publicação. Cedo identifiquei em *A geometria da paixão* seu traço antológico, quando selecionei *O impossível querer* para minhas aulas de Teoria da Literatura, na UFPB. Eram tempos de demonização da retórica e dos adjetivos, em nome do estruturalismo linguístico. (Para ser mais exata, quase escrevi fundamentalismo linguístico). A bela criação me permitiu demonstrar aos alunos que a poesia ultrapassa os limites de qualquer teoria. Que a teoria é instrumento para revelação do poema e jamais regra para sua construção. Aquelas aulas foram transformadas em ensaio crítico, para saudar a estreia do poeta, reafirmando minhas convicções estéticas.

Hoje, três décadas depois, encontro esta análise transcrita no memorial *As palavras, minha vida*, como argumento do autor sobre a natureza de sua poesia. É uma evidência de que “o passado não passa”. Ele permanece na densidade do que se incorpora ao nosso eu e nas “cicatrices dos relâmpagos” que marcam o infinito de nossas emoções.

Paradoxalmente o mesmo tempo que nos encaminha para a morte é o que em nós se acumula e nos dá consistência.

Você tem razão, meu amigo, quando grava no verso de pedra a convicção de que não está velho. Digo que o tempo se guardou em você para sacralizar-se. Assim ele também se guarda nas estações que voltam sempre inteiras, para a lição de resistência e de esplendor que Cecília Meireles revela ter aprendido com as primaveras.

O tempo, meu amigo, é aquele “sujo mordente da pátina” que transmitiu ao poeta Manuel Bandeira a senha para a transfiguração do “gessozinhocomercial” re-dimensionado pelo sofrimento e immortalizado no tocante poema.

Não podem ser outros os parâmetros para a duração de uma existência como a sua que se nutre do substrato poético para se consumir no “fogo brando das pala-

bras”, até a explosão vulcânica de suas metáforas, cultivadas como “um patrimônio de sol, de pedra e poeira”.

Basta um poema para que se comprove a exatidão de minha leitura. Basta conferir o prodígio de enumerações, o alargamento de conceito de experiências em que você traduz a infinitude do olhar amado, nele descobrindo um planeta perdido; um pomar de estrelas; o balir das ovelhas; cavalos selvagens; uma rês desgarrada; uma estória encantada; uma cascata que uiva; um duende delirando; um milharal de espantos; qualquer coisa de santo; um deserto sonhando. É essa metáfora viva, esse impulso da imaginação, esse pensar mais que chamei de explosão vulcânica. E repito.

Hildeberto, meu confrade, não preciso dizer com que espírito aceitei o convite que me inclui nesse instante de celebração. Emergem de minha fala os cristais de sua criação, em insuperável eloquência. Pontos cintilantes na estratificação de trinta anos de verdade crítica, na “perene, insuspeitada alegria de con-viver”.

Sua história inspiradora convida a um olhar mais abrangente sobre o trabalho crítico realizado em nosso Estado. Já é tempo de sistematizar a qualidade dessa produção, tal como você fez a respeito da poesia. Antes dos cursos de Letras, de Virgínius e de professor Juarez. O tempo em que os dois dominaram a cena. Depois deles, a influência dos Congressos de Crítica Literária e o protagonismo da professora Elizabeth Marinheiro, na vigência dos cursos de pós-graduação. Enfim, a nossa inclusão nesta sequência que cada vez mais se multiplica e se fortalece com novas expressões.

Sem dúvida é uma tese à espera do escritor. E Gonzaga já sugeriu o título: *Metropolização da província*. Desta província que já não se resume a um nome exclusivo ou a uma única voz. ✦

Em tempo: Excepcionalmente, o texto da coluna **Convivência Crítica** é assinado, neste número, pela professora e acadêmica Ângela Bezerra de Castro, cujo texto crítico tem como objeto de análise a obra do próprio columnista, Hildeberto Barbosa Filho.

À beira do Lago Walden

COM WILLIAM COSTA

Maria Vilani de Sousa

Especial para o *Correio das Artes*

Sabia muito pouco de William Costa e da sua escrita. Um texto no *Correio das Artes* aqui uma crônica num jornal acolá. E só.

Conheci-o mais de perto no ano passado quando estava divulgando o lançamento de um livro de poemas de um amigo. Foi profissional, atencioso e gentil, seja promovendo o autor na mídia seja comparando ao lançamento. Este ano quando me pediu para “dar uma lida” no livro de crônicas suas que estava organizando, me senti lisonjeada e fiz isso com grande prazer. Surpresa maior quando, já com o livro pronto, ele me convidou para fazer a apresentação no seu lançamento. Pela excelência do seu texto já demonstrada ao longo dos muitos anos de ofício como jornalista/cronista, sei que qualquer um dos seus pares teria orgulho de executar essa tarefa. Sou grata a ele por essa deferência e espero conseguir transmitir aqui parte da beleza de *Para tocar tuas mãos* e levar os presentes a seguirem viagem no texto de William Costa, com a certeza de leitura boa e prazerosa.

Muitos das crônicas de *Para tocar tuas mãos* já foram publicados em jornais e revistas mas há também vários textos inéditos. Há aqueles escritos ao longo dos anos

e outros recentes, como o leitor vai perceber pelos temas abordados.

O tecido das crônicas de William Costa é o próprio tecido da vida “do jeito que ela é”, como ele mesmo disse. As lembranças nostálgicas do sertão, as cidades (João Pessoa, onipresente), a consciência do tempo (“Nada é para sempre!”), a mitologia, a música, a paixão pela natureza: os pássaros e a água, principalmente, o amor, a velhice e a morte, tema sempre recorrente.



ARTE: DOMINGOS SÁVIO

Suas influências literárias vão desde os filósofos transcendentalistas como Emerson e Thoreau até os *beatniks*. Desde Augusto dos Anjos até João Cabral de Melo Neto, passando por Cecília Meireles, Drummond e Ferreira Gullar; Desde Rubem Braga e Paulo Mendes Campos até Rubem Fonseca. Há também referências cinematográficas em alguns dos títulos das suas crônicas que remetem indiretamente a títulos de filmes: *Querido diário* (Nanni Moretti), *O amarelo (na) manga* (Cláudio Assis), ou diretamente como *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho), ou outras referências recorrentes ao longo do livro tais como “de olhos bem abertos” que nos remetem a *Eyes wide shut/De olhos bem fechados* (Stanley Kubrick) ou *la nave va*, clara referência a Fellini. As influências musicais são muitas: de Raul Seixas a Bob Marley, Jimmy Cliff, Peter Tosh e toda a cultura rastafári até Djavan, citado em uma das epígrafes, Noel Rosa, Nelson Cavaquinho ou Alceu Valença.

Para tocar tuas mãos intercala experiência pessoal, erudição e linguagem coloquial (você sabe o que é uma “bundacanastra de caçote”? “pobre de marré deci”? “tiburgar no rio”?), ao mesmo tempo em que demonstra grande sensibilidade poética e uma levada de humor. Nada no seu texto é supérfluo ou frasefeita, não há metáforas gratuitas. Sua prosa é concisa, limpa, clara. Bonita e lírica, espécie de prosa com sotaque poético.

As primeiras crônicas são uma espécie de declaração de princípio do cronista: por que escrever crônicas? (“Ambição crônica”) Para ele escrever crônicas é como “armar rede na varanda” embora admita que não seja uma tarefa fácil. Compara o ato de escrever a “esfregar palavras nas pedras do rio (“Palavras no quarador”) e reconhece que é preciso ter coragem e enfrentar a falta de assunto, seja como cronista, seja como jornalista (“Dia de branco”). Modesto, diz que a crônica que escreve é “fugaz como a borboleta” e que ela preci-

▶ sa de oxigênio, chuva e sol. Aliás, *Para tocar tuas mãos* é todo ele uma declaração de amor à natureza.

As lembranças do sertão, da infância e da adolescência “pínicando” em sua memória são resgatadas em linguagem poética onde o barulho dos “galos da manhã” e dos grilos se mistura ao barulho dos rios (o Quipauá, sempre!) e ao dos trovões. Há também o encantamento pelos raios (que ele pensava que fossem estrelas cadentes!) e a recordação da chuva escorrendo pelos telhados e da meninada se esbaldando nas bicas até afundar os crâneos. Imagens vívidas na memória de todos que um dia foram crianças no sertão, como eu.

“Quem nunca ouviu o canto lírico da Mãe d’Água no momento em que a noite é mais escura, nada entende de mistério. De vida e morte, verdade e mentira.” (Estirpe, pp. 46-7).

Delícia de texto também quando ele fala da Confraria dos Dois Sertanejos, malucos beleza, profetas loucos que encheram de medo e fascínio a infância dos que viveram por aquelas bandas onde suas crônicas se situam.

Aos poucos as lembranças do sertão vão dando lugar às lembranças da cidade, sempre João Pessoa citada. Para ele as cidades “são a natureza em mutação” e descobrir esta natureza nelas é exercício lúdico a que William Costa se dedica com prazer. Tarefa fascinante à qual ele se entrega “pra ver no que vai dar”. Às vezes, (muitas vezes) lamenta a natureza devastada da João Pessoa de hoje e a Epitácio Pessoa, antigo cartão postal da cidade, é retratada em toda a sua pós-modernidade cruel em “Epitácio Pessoa 7h52m”. Mas os cheiros, a fauna e a flora da cidade, mesmo quando misturados à gasolina, ao diesel e ao metanol, continuam afrodisíacos para ele.

Os limites físicos das crônicas de William Costa estão bem delimitados entre o Rio Quipauá, lá no sertão e o mar de Tambaú aqui. Esse mar é outro tema recorrente. Há o mar das páginas da História Geral da sua infância em Santa Luzia: “não havia poesia naquele primeiro mar. Apenas medo”. E o mar de Tambaú: levado pelas mãos do pai, puro deslumbramento. Puro êxtase. De olhos



William Costa,
autor de *Para
tocar tuas mãos*

arregalados, o menino do sertão descobre que além das “serras azuis da infância” havia aquele mundo de água que não acabava mais, sem canoas, sem balde (Meu Deus, como podia um açude tão grande não ter balde?). Não deve ter sido à toa que ele chamou de “Ressurreição” a crônica que descreve esse primeiro encontro.

Mas nem só de natureza e cidade vive a crônica de William Costa. A morte ronda o livro o tempo todo. Algumas vezes, de modo explícito, como no próprio título das crônicas: “Mortos-vivos”, “Dos mortos e suas flores”, “Lamento de naufrago”, “O último pássaro”. Ou entremeando as crônicas, seja em sentido metafórico ou explícito. Logo em uma das primeiras crônicas, “O livro efêmero dos dias”, a morte está presente na referência à Corte de Atropos, a moira implacável, ou em “O quarto de Mnemósine” quando introduz os cães de Actéon. Ou ainda quando fala das “flores que irão seduzir amantes ou enfeitar caixões” (“21 de setembro”) ou em “Instantâneos” onde, nostálgico, recorre a Manes: “Quanto tempo mais permanecer aqui, neste jardim; neste mistério tentando ouvir a voz dos ancestrais dos ancestrais dos ancestrais do meu bisavô”? Em “Dos mortos e das flores” a nostalgia invade novamente o texto e ele fala dos mortos-heróis, dos mortos “sagrados”. Relembra os rituais do luto no passado e faz crítica social à ‘banalização’ da morte nas cidades nos dias atuais: “De tantos que são agora, a cidade não chora mais seus mortos.”

Do jeito que começou, encerra o livro, com crônicas de mar e

de morte. Em “Maria do Mar”, o mar, escrito aqui com letra maiúscula, vira “sobrenome” e a crônica vira um quase-conto. “Lamento de naufrago” é uma elegia ao amigo e poeta morto Lúcio Lins, já prenunciada em várias citações com o verso do “Canto por Ignacio Sánchez Mejías”, de Lorca (“a las cinco en punto de la tarde”), uma das frases muito aludidas em *Para tocar tuas mãos*. Mas termina o livro com uma crônica inusitada e tragicômica “O amarelo na manga” onde deixa o leitor com um riso no canto da boca: Guilherme da Praia, seu personagem nem é tragado pelo mar nem pela morte como o início da crônica prenuncia. Como num conto romântico foi salvo “pela luz que emana da pequena porção amarela no torso das mangas maduras” e “caiu na vida”.

Parabéns, William. E uma noite de sucesso para você com a certeza de que as suas crônicas terão vida longa e reconhecimento pois como dizia Thoreau, “O que é uma vez bem feito, está feito para sempre”.

Texto lido por ocasião do lançamento do livro de William Costa, *Para tocar tuas mãos*, na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa, no dia 18 de maio de 2017.

Maria Vilani de Sousa é professora aposentada do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).



Desde a Epigêneseis da Infância..

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET

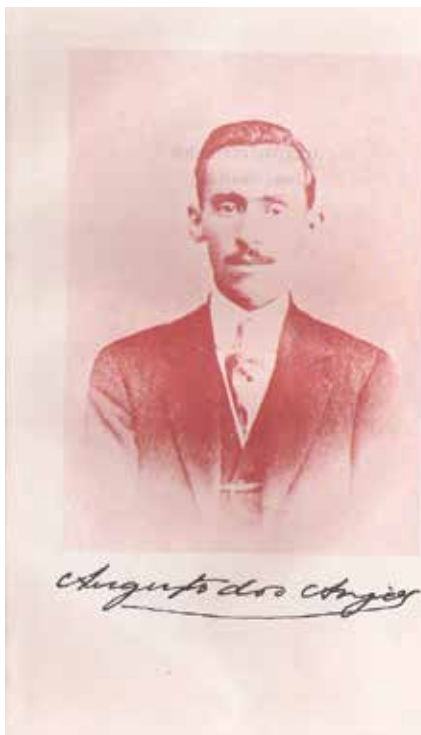


O poeta Augusto dos Anjos prossegue assombrando os pósteros com sua poesia inovadora para as épocas

Augusto dos Anjos se revela um poeta dos mais difíceis e eruditos da língua portuguesa. A questão não é somente de um vocabulário, até então, estranho à poesia, mas da perfeita compreensão da utilização desse vocabulário. Em nenhum momento, pode-se dizer, o poeta usa esse estranho vocabulário apenas como ornamento da frase ou por questões imagéticas e estilísticas. O estilo e a imagem estão a serviço de uma compreensão intrínseca do léxico utilizado. É isto que o diferencia dos demais poetas seus contemporâneos e promove, sobretudo, a ruptura com um fazer literário cediço.

Escrevo este ensaio pensando na sua poesia, como um todo, mas pensando particularmente no vocábulo *epigêneseis*. Salvo engano e me restringindo apenas à poesia do *Eu*, Augusto dos Anjos utilizou-se duas vezes desse vocábulo: em “Psicologia de um Vencido” e em “Os Doentes”. No primeiro poema, o fato de ser um soneto e o vocábulo encontrar-se no primeiro quarteto, o vocábulo *epigêneseis* torna-se abruptamente conhecido. O fato também de o soneto ser uma forma concisa ajuda na sua memorização e, portanto, na fixação da palavra. Já com relação a “Os Doentes”, como se trata de um longo poema de nove partes, sendo a primeira constituída por um soneto, ao todo um poema de 438 versos, não é tão fácil se lembrar do vocábulo, pois ele se encontra escondido na penúltima estrofe da parte V desse poema.

Qual a concepção de *epigêneseis* nestes dois poemas de Augusto? Começaremos por “Psicologia de um Vencido”, pela sua concisão, e depois faremos apenas uma relação com “Os Doentes”, tendo em vista que este poema é muito grande e merece um ensaio à parte, que trate de sua complexidade, o que faremos em outro ensaio, para um futuro próximo. Para uma melhor compreensão de nossa análise, reproduziremos o soneto, a partir da edição crítica de Alexei Bueno – *Augusto dos Anjos, obra completa* –, publicada pela Nova Aguilar do Rio de Janeiro, em 1994:



Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

▶ Aparentemente, vemos aí um poema sobre o ser humano fadado ao sofrimento, por não passar de matéria, cujo destino é a decomposição na terra inorgânica. Nada mais enganoso, pois, como já dissemos em ensaio anterior – “Augusto para a Eternidade” – não se pode ver a poesia de Augusto dos Anjos apenas pelo cientificismo que ela apresenta. O cientificismo e a espiritualidade na sua poesia são complementares, um não vive sem a outra. Não são excludentes. Ficar obcecado pela análise restrita do cientificismo é, como já disse anteriormente, malhar em ferro frio. Por outro lado, é impossível ler Augusto se detendo isoladamente nos poemas. Há que se fazer uma rede de relações, tendo em vista que o *Eu* é um corpo uniforme simbolizando a universalidade do ser humano.

Assim, podemos ver que o poema nos mostra a vida que há de ser consumida pelos vermes – *este operário das ruínas* – e de cuja materialidade apenas deverão restar os cabelos na “*frialdade inorgânica da terra*”. Não podemos esquecer que foi na terra inorgânica que, tendo se produzido a vida, o ser humano se desenvolveu. As matérias da atmosfera

primordial – carbono, nitrogênio, oxigênio, amônia – encontram-se nessa sopa primeva, em que os oceanos primitivos se transformaram e propiciaram o surgimento da vida, como diz Richard Dawkins, em *O maior espetáculo da terra* (Companhia das Letras, 2009), citando outro biólogo, Haldane, ao mostrar como a vida se processou em uma atmosfera redutora. Ao mesmo tempo, é impossível não vermos aí o Augusto dos Anjos de “Psicologia de um Vencido”:

“Pois bem, quando a luz ultravioleta age sobre uma mistura de água, dióxido de carbono e amônia, produz-se uma imensa variedade de substâncias orgânicas, entre elas açúcares e aparentemente alguns dos elementos de que são feitas as proteínas. Esse fato foi demonstrado em laboratório por Baly de Liverpool e seus colegas. No mundo presente, tais substâncias, se deixadas à solta, entram em decomposição – ou seja, são destruídas por microorganismos. Mas antes de ori-

ginar-se a vida elas devem ter-se acumulado até que os oceanos primitivos atingissem a consistência de uma rala sopa quente” (p. 650).

Vimos do carbono e ao carbono voltaremos. Pelo menos a matéria que se esvai e que é jogada no carbono para ser decomposta. É aí que podemos ver a ligação da poesia de Augusto dos Anjos como uma grande rede tecendo o eu, o ser humano, cuja parte material voltará à matéria, de modo a compor nova matéria que irá alimentar a sucessão infinita de novos seres humanos, talvez ele próprio ao retornar e evoluir nessa matéria em que se transforma. Veja-se o que diz a penúltima estrofe da parte V de “Os Doentes”, não por acaso, aquela em que o vocábulo *epigênese* reaparece:

Eu voltarei, cansado da árdua liça,
À substância inorgânica primeva,
De onde, por epigênese, veio Eva
E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa*!

O eu, portanto, após a decomposição, voltará à reintegração inorgânica, de onde resultou Eva, como metonímia da primeira mulher, primeiro ser humano, e de onde proveio esse corpo marinho unicelular, chamado *actissa*. É uma aula de evolucionismo, mas ao mesmo tempo vemos como, ▶

▶ pelo entrelaçamento da poesia, a matéria se serve de matéria para criar vida. Se a matéria se decompõe, ela não acaba, transforma-se e gera, nessa transformação, nova vida. Embora não possamos falar de espiritualidade *tout court* em “Psicologia de um Vencido”, vemos como a rede em que se fiam os poemas do *Eu* abre-nos uma possibilidade de investigação desse aspecto já nesse poema, o que fica mais claro em “Os Doentes”.

Mas não é nossa intenção falar da espiritualidade, apenas pontuar que ela está nas entrelinhas, dada a relação entre os dois poemas aqui citados. A nossa real intenção é verificar a utilização do vocábulo *epigênese*. Em “Psicologia de um Vencido”, o vocábulo aparece logo no início causando impacto no leitor, que, atônito, não se dá conta de seu significado. Os dicionários, por sua vez, não nos dizem muita coisa, vez que é necessário ir em busca de uma concepção especializada por tratar-se de assunto que diz respeito à embriologia. Vamos nos valer de Richard Dawkins, o mais famoso biólogo darwinista vivo e em atuação, além de um dos maiores estudiosos do assunto.

Em pelo menos três de seus livros – *O maior espetáculo da terra*, *O capelão do diabo* e *O relojoeiro cego* – Dawkins nos fala de *epigênese*, que passo a sintetizar, iniciando pelo primeiro dos livros citados. Para início de conversa, como já frisamos, estamos no campo da embriologia, cuja história apresenta duas teorias opostas, a preformacionista e a da epigênese. Os preformacionistas, que, por sua vez, se dividiam em “espermistas” e “ovistas”, acreditavam, respectivamente, existir um “homúnculo” no espermatozoide ou no óvulo, que seria “inflado como um balão”, à medida que fosse crescendo, pois todas as partes de que se constitui o ser humano, externas e internas, já estariam prontas nesse minúsculo ser, apenas crescendo à medida que fosse se desenvolvendo no útero

da mãe. Tudo já estaria, portanto, pré-formado no óvulo ou no espermatozoide. Dawkins nos aponta alguns problemas dessa compreensão dos preformacionistas: o primeiro é que para isso acontecer, cada homúnculo deveria ter no seu espermatozoide ou no seu óvulo outros homúnculos com espermatozoides e óvulos, abrigando outros homúnculos, numa regressão infinita até, digamos, Eva. O segundo problema é o que precisaria existir uma “herança de características adquiridas” para tal teoria dar certo, o que não ocorre, pois os filhos de judeus não nascem sem prepúcio, por exemplo. Por fim, mas não por último, essa teoria descarta o fato de que todo ser humano, ao ser concebido, herda 50 por cento dos genes e do pai e 50 por cento dos genes da mãe.

A alternativa à teoria preformacionista é a epigênese. Os seres humanos possuem DNA “uma descrição codificada de um corpo; uma espécie de mapa tridimensional representado no código linear de ‘letras’ do DNA” (p. 202-203). É por conta do DNA que todos os seres humanos “desenvolvem-se e crescem de uma única célula através de estágios intermediários: embrião, feto, bebê, criança, adolescente” (p. 203). A epigênese é, portanto, um “projeto de baixo para cima”, baseado no fato de que “uma única célula origina um corpo humano em toda a sua complexidade. E o mistério é apenas um pouco mitigado pelo fato de a proeza realizar-se com a ajuda de instruções do DNA” (p. 204). Dawkins aproxima esta evolução a um processo de automontagem que segue os passos de uma receita irreversível.

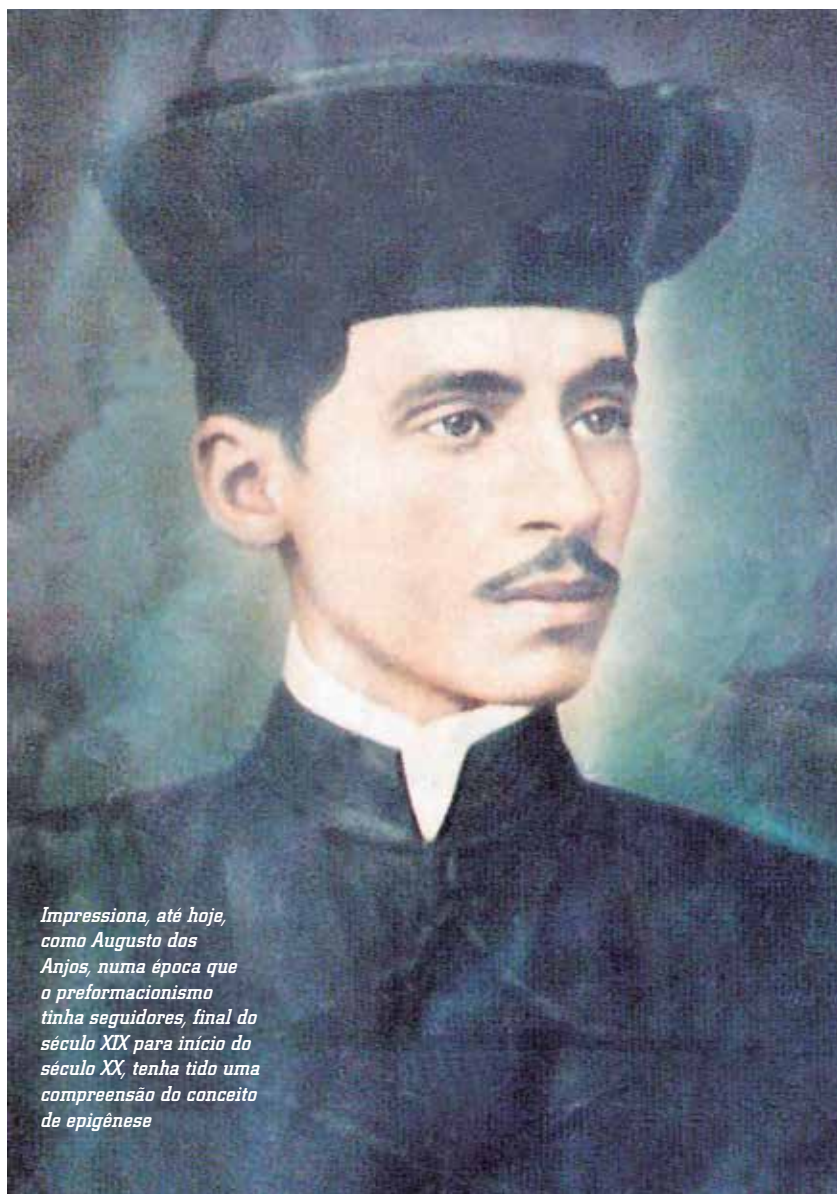
Em *O capelão do diabo* (Companhia das Letras, 2005), Dawkins volta a falar da epigênese como uma receita contida na célula e não uma planta arquitetônica, como pensavam os preformacionistas, pois “todas as coisas vivas neste planeta se desenvolvem pela embriologia da receita e não pela da planta arquitetônica” (p.

162), arrematando que na terra, “as formas de vida se desenvolvem pela epigênese e não pelo pré-formacionismo” (p. 162). É desse processo que decorre toda a seleção natural.

Em *O relojoeiro cego* (2001), Dawkins é ainda mais explícito ao falar de epigênese, dizendo que a receita “é um conjunto de instruções que, se seguidas na ordem correta, resultará em um bolo” (p. 428). Atente-se para o fato de que esse processo é uma receita “inerentemente irreversível” diz ele (p. 432), diferente da planta que é reversível. Ao se desenhar uma planta, podemos até fazer uma maquete do que será a casa. Ao se construir a casa, podemos depois decompô-la em suas partes e reconstruí-la no mesmo lugar ou em outro lugar, seguindo a planta. Assim como o homúnculo resultaria para os preformacionistas no homem, no homem já estaria o homúnculo. O processo é, portanto, reversível.

No que diz respeito à receita essa reversibilidade é impossível, visto que “ninguém, ao ler a sequência de letras no DNA de um óvulo fecundado, poderia prever a forma que o animal terá ao crescer” (*O maior espetáculo da Terra*, p. 234-235). Se compararmos ao bolo, veremos que da receita seguida poderá surgir um bolo, mas se decompusermos o bolo depois de pronto, jamais teremos os ingredientes de volta e não poderemos remontá-lo como se faz com uma construção. Fechando o seu argumento, diz Dawkins:

“O desenvolvimento embrionário é um processo. É uma sequência ordenada de eventos, como os procedimentos de um bolo, só que há milhões de passos a mais no processo, e passos diferentes são dados simultaneamente em muitas partes diferentes da ‘iguaria’. A maioria dos passos envolve a multiplicação celular, gerando números prodigiosos de células, algumas das quais morrem, enquanto outras se juntam para



Impressiona, até hoje, como Augusto dos Anjos, numa época que o preformacionismo tinha seguidores, final do século XIX para início do século XX, tenha tido uma compreensão do conceito de epigênese

- ▶ formar órgãos, tecidos e outras estruturas multicelulares” (*O relojoeiro cego*, p. 429).

É impressionante como Augusto dos Anjos, numa época que o preformacionismo tinha seguidores, final do século XIX para início do século XX, tenha tido uma compreensão do conceito de epigênese. É muito cedo para que alguém que não era da área, no Brasil, e mais especificamente na Paraíba, pudesse abarcar o sentido do vocábulo e passasse a empregá-lo de modo adequado, ainda que poeticamente. O próprio Dawkins afirma que a embriologia é um tema difícil de entender e que ele ainda se encontra o processo de compreendê-la (O

maior espetáculo da terra, p. 202).

Mais impressionante ainda é quando Augusto dos Anjos utiliza o vocábulo na já transcrita estrofe de “Os Doentes”. Tomando Eva como metonímia da mulher, talvez sem o perceber, o poeta enterra, já no início do século XX o preformacionismo, ao afirmar que o ser humano provém da epigênese e não do homúnculo que se encontraria

no óvulo ou no espermatozoide.

Dito assim, sintetizando o pensamento de Dawkins, pode parecer fácil a compreensão do que é epigênese. No entanto, sabemos que nem hoje é fácil de apreender este conceito da embriologia, sobretudo para leigos no assunto e leitores do poeta como eu. Ter decifrado esse conceito ainda na sua época é o que faz Augusto ser Augusto.

Uma pergunta se impõe: se a epigênese é o processo inicial da transformação unicelular em um complexo ser vivo, no caso um ser humano, seguindo as instruções contidas no DNA, por que o poeta se refere à “epigênese da infância”? A nosso ver, mais do que uma tautologia, a infância referida diz respeito aos tempos primevos, revelando a consciência do eu com relação ao ser humano preso a um ambiente repugnante, desde tempos imemoriais, destinado mais uma vez a reviver a materialidade, enquanto não avança em direção à libertação. Como o aprendizado espiritual é um processo lento, assim como a evolução darwiniana, não é de estranhar que o ser humano se entregue a uma relação doentia, de profunda hipochondria com a existência, em que a matéria corpórea vive um ciclo de prisão angustiante como o estreitamento das artérias causam a ânsia a um cardíaco. Eis uma explicação possível para “as influências más dos signos do Zodíaco”: nascemos para aprender, o aprendizado se dá pelo sofrimento; para que possa haver uma transcendência do sofrimento é preciso legar à terra o que da terra, à matéria o que é da matéria, e buscar subir ainda mais, como o eu diz em “Solilóquio de um Visionário”. ❖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor, entre outras publicações, do *Dicionário da Eneida* e de *Introdução aos estudos clássicos*. Mora em João Pessoa (PB).

Cabo Branco e outros mares

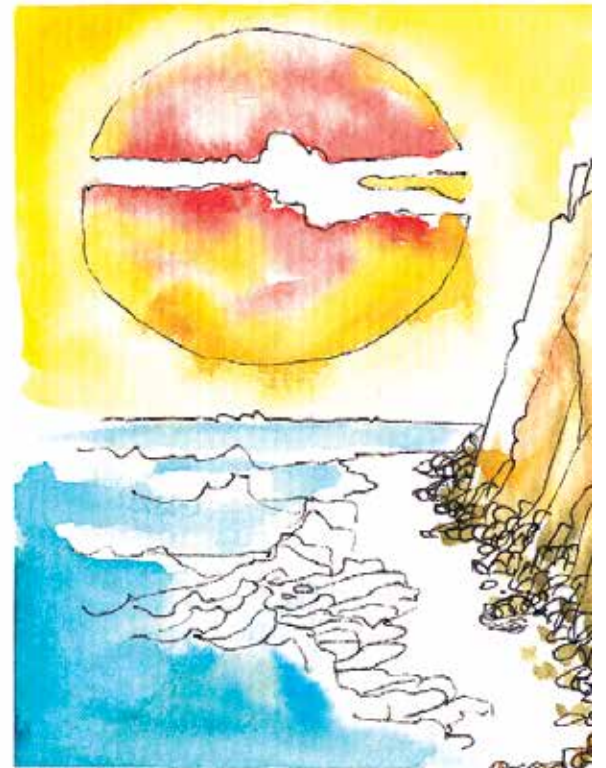
trago medos da barreira de cabo branco
saudades de barracas e agueiros
meu pai beliscando uma agulha
o menino que corria nas areias do sol

trago memórias do sal de tambaú
e do imponente hotel, cartão postal da maresia
lembranças do mercado, dos bares, da lua
o menino lambendo os dedos afrodisíacos

trago a solidão escura de manaíra
e o descampado vazio de seu calçadão
cantigas de nada para os pescadores da vida
cantigas de espumas nos pescados dos pratos

trago outros mares que jogam suas ondas em minha lida
bessa, e seus bares da moda
a penha, com seus hábitos populares
o seixas, onde o sol nasce primeiro
jacarapé, onde os corpos morrem primeiro

trago alegrias do cabo branco da infância
e medos, do cabo branco amanhã
trago dores e os banhos de sargaços na alma
trago suas tatuagens, marcando minha pele no azul do mar.



Ponto de Cem Réis

no centro do mundo da paraíba
umbigo da geografia paraíba

ali, no imenso ponto vazio
tudo que é alma, paraíba de estio

poetas ainda circulam precipícios
no pátio extenso que esconde agasturas

ali, vi políbio Alves arrotando o varadouro
no cafezinho em que gonzaga faz seu cronicário

ali, reginaldo e sua banca trazem as boas,
que as más vinham da língua de mocidade

de olho no relógio da dezoito dezessete
de olho na pregão do vendedor (em falsete)

de olho no paletó branco de caixa d'água
e da noite que abruma traficantes

até o sol chegar e bater no teu olhar, paraíba
até a graxa do menino limpar teus sapatos, paraíba

no décimo oitavo andar alumiar outros clarões
e pagar com cem réis o preço de teu amor, paraíba.

Bica

(Para Vinícius Guedes)

jacarés
em silêncio
ruminando o bote na natureza humana

leões na jaula
- presas da civilização

araras
em voo para o nada
: gaiolas de ilusão

macacos
em saltos graciosos
(bananas ao homem)

(no passeio, palmas para os acuados animais
que não assustam nem as criancinhas).



Guedes

ILUSTRAÇÕES: TÔNIO



Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nascido em Cajazeiras (PB), é radicado em João Pessoa desde 1979. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismoes* e *Receitas de como se tornar um bom escritor*. E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.

Babilônia

Ontem não vi você em Babilônia
Num fragmento de argila, em escrita cuneiforme, cerca de 3.000 anos a.C.

Ao saber da notícia, revivi
aquela noite funda em que escrevi
(afogava-me um pântano de insônia):

Ontem não vi você em Babilônia.

Só o que restou de tudo: um fragmento
de tabuinha que escapou do vento
do Tempo. Sob o pó, pulsando, a insônia:

Ontem não vi você em Babilônia.

Foi a última vez que lhe escrevi
e nenhuma resposta recebi.
Ainda respiro o que chorei na insônia:

Ontem não vi você em Babilônia.

Os arqueólogos me decifraram
e, milênios além, se emocionaram,
por ser só amor e dor a voz da insônia:

Ontem não vi você em Babilônia.

Era o bastante. O Tempo na tabuinha
quase tudo apagou da história minha,
porém deixou o essencial da insônia:

Ontem não vi você em Babilônia.

E assim contam-se vida e seus escombros
que um dia se partiram nos meus ombros.
E na alma, desde então, só noite e insônia:

Ontem não vi você em Babilônia.



Soneto do amigo morto

a Mário Vieira da Silva,
in memoriam.

Abre o vinho e nos serve, o amigo morto,
e brindamos com doce alma de Porto.
Rico de vinhos, sempre, o amigo morto:
da Argentina, do Chile, França e Porto.

Tão jovem que ele está!... Bebo do Porto,
fitando com ternura o amigo morto.
Corado, alegre, o claro amigo morto
presta homenagens às marés do Porto.

Um cálice, e outro, e outro... O amigo morto
segue em viagem aos portos que há no Porto.
Tão bem vai navegando, o amigo morto,

que sorrio, admirando-o porto a porto,
perguntando-me, à luz da alma do Porto,
se acaso não sou eu o amigo morto...

heira Filho



Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia. Nasceu em Salvador, Bahia, onde mora. Publicou diversos livros de poemas, entre eles, *Heléboro*, *As sombras luminosas*, *Memória da chuva* e *Elegia de agosto* e outros poemas. Lançou também vários livros em prosa, entre os quais, *Sob o último sol de fevereiro* (crônicas), *O vento no tamarindeiro* (contos) e *Ángelo Sobral desce aos infernos* (romance).

A língua humana

E então não entendias o que eu falava.
Nem me entendia eu, pois me travava

a língua. O que eu dizia: amor, amar,
soava de súbito como um rosnar,

depois um ronco, depois um ganido,
e eu me perdia em mim. E mais perdido

fiquei ainda quando me falaste
numa linguagem sem flor e sem haste,

tão áspera, pesada, desairosa,
rude, sombria, gélida, impiedosa.

E nos calamos. Um medo titânico
nos envolveu. E eis que um clamor de pânico

de súbito se ergueu de tudo em torno,
e só havia ruído, horror, transtorno

em cada voz tecida de inclementes
pronúncias que estrugiam por entre os dentes

e nada explicitavam que alguém
pudesse compreender. Nem mal ninguém

sabia o que era dito – se era dito,
pois tudo misterioso ao infinito.

Fitei-te em grande espanto – e tu me olhavas,
no mesmo duro espanto me fitavas.

Quis retomar o meu falar de amor
e me afastaste em gesto de pavor,

enquanto dos teus lábios cor-de-rosa
jorrava a catarata pedregosa.

Já nada se entendia em parte alguma
e as pessoas fugiam, uma a uma,

depois em bando... Logo percebi
que também não estavas mais ali.

Doido, em delírio, fui a te buscar,
mas parecias ter sumido no ar...

E eis que outra coisa ouvi: a gargalhada
que descia dos céus e a trovoadas

- como enchente de um Nilo ou de um Ganges –
de arcanjos eriçados de alfanjes.

Fugi, fugi, transido de pavor,
implorando a piedade do Senhor.

No deserto, sonhando água e mel,
só encontrei areia, sol e fel.

Ao Senhor, sim, prossigo em mim fiel,
mas não retornarei nunca a Babel.

Estação das clínicas

DE IACYR ANDERSON FREITAS

Rogério Salgado

Especial para o *Correio das Artes*

“Iacyr Anderson Freitas é hoje, sem dúvida alguma, o maior nome de sua geração – e um dos maiores poetas vivos da língua portuguesa.” Assim define o escritor Luiz Ruffato, e eu concordo com esta afirmação: dono de uma poesia bem estruturada, sem perder em nenhum momento a emoção, Iacyr sabe transmitir seu sentimento em palavras e passar ao leitor aquilo que ele deseja dizer.

Estação das clínicas (Escrituras/Funalfa, 2016), seu mais recente livro, edição comemorativa dos 35 anos de carreira literária do autor, mergulha no ambiente hospitalar e nem por isso assusta, muito pelo contrário, emociona quem o lê. Esta obra – a melhor do escritor, entre as que conheço –, apesar de oferecer uma linguagem moderna, transmite lirismo sem ser piegas, um lirismo à flor da pele, desses que impregnam a alma do leitor. Já de início traz um poema de raríssima beleza, intitulado “Mamãe faz 99 anos”:

com os olhos colados
à janela
não parece ter mais que sete
primaveras

ledo engano:
cobra notícias
da tia Florinda
morta no final dos anos
30

peça pra Florinda
refogar taioba pra mim
ninguém faz taioba
daquele jeito
nem maçã de peito
com aipim

nada posso
contra meu riso
e o desmedido
de sua fome

ela me olha de um jeito esqui-
sito

e volta a perguntar meu nome

Estação das clínicas é um livro de linguagem simples, desses que alcançam qualquer leitor, desde o mais intelectualizado ao mais humilde em sua leitura. Drummond tinha essa qualidade, Bandeira também tinha, Iacyr tem de sobra

e este *Estação das clínicas* é uma prova disso.

Iacyr Anderson Freitas nasceu em Patrocínio do Muriaé (MG) em 1963. Poeta, contista e ensaísta, com diversas premiações literárias no Brasil e no exterior, já divulgou sua obra em livros e periódicos da Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Malta, Nicarágua, Suíça, Peru, Portugal e Venezuela. Publicou mais de vinte títulos, entre os quais *Terra além mar*, antologia poética editada em Portugal em 2005; *Trinca dos traídos*, livro que obteve Menção Especial no *Premio Literario Casa de las Américas*, em Cuba, em 2005; *Ar de arestas*, finalista do Prêmio Jabuti e semifinalista do Prêmio Portugal Telecom, e *Viavária* (2010) – obra que conquistou o 1º lugar no Prêmio Literário Nacional do PEN Clube do Brasil.

Com projeto gráfico e diagramação de Edna Batista, belíssima capa com ilustração de Mário Tarcitano (que também ilustra o miolo



Iacyr Anderson Freitas, autor de *Estação das clínicas* (Escrituras, 2016)

do livro) e publicado com o apoio da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, *Estação das clínicas* é uma obra que emociona o leitor. E quem diz – como no último poema, abaixo reproduzido – que “o que passou \ passou \ do real \ para o feérico \ essa terra do nunca \ onde resiste \ o futuro \ do pretérito”, com certeza merece ser lido do princípio ao fim.

o que passou
passou

do real
para o feérico

essa terra do nunca
onde resiste
o futuro
do pretérito

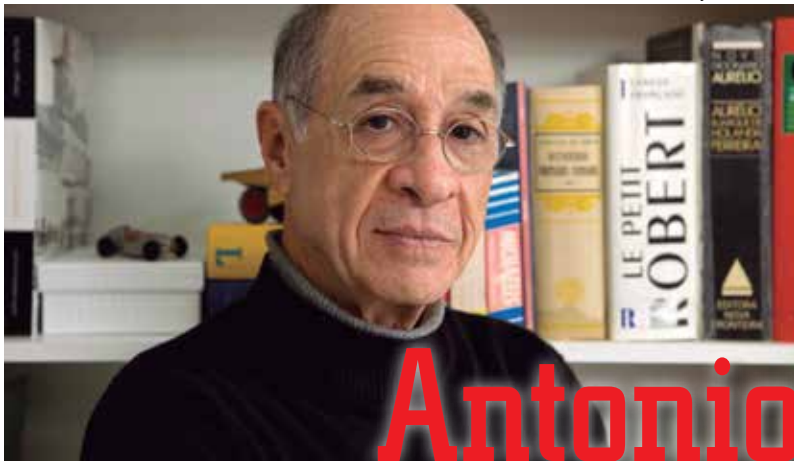
e onde nada
existe
a presto

o que já foi não conta
o que virá não conta

e o resto
é resto

Rogério Salgado é poeta, jornalista e escritor. Criador e organizador, ao lado de Virgilene Araújo, do Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte – o badalado “Belô Poético”. Natural de Campos dos Goytacases (RJ), reside em Belo Horizonte (MG) desde 1980. Detentor de uma bibliografia que inclui mais de vinte títulos editados, possui trabalhos publicados também no exterior.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Antonio de Franceschi: sujeito sem predicados¹

Wilson Alves-Bezerra

Especial para o *Correio das Artes*

Quem pensar num poeta paulista, circulando pela capital do estado no início dos anos sessenta, pensará num concretista, ou pensará num beat-surrealista. Antonio de Franceschi (1942), com sua obra gestada na cena cultural paulistana dessa época, embaralha essas referências. Nascido em Pirassununga, veio viver na metrópole e se tornou amigo de poetas que viriam a ser alguns dos mais importantes da geração dos Novíssimos – aqueles que se reuniram em torno ao editor e artista gráfico Massao Ohno, responsável pela antologia e a coleção que deram visibilidade e vazão a toda uma geração, no início dos anos 60². Com Roberto Piva, Claudio Willer e Rodrigo de Haro, De Franceschi compartilhava o gosto pela cidade e pelas descobertas literárias: Federico García Lorca, San Juan de la Cruz, Jorge de Lima e Fernando Pessoa foram perscrutados com avidez.

Conta-se que, recém-iniciada a segunda década de vida, os amigos De Franceschi e Piva estavam a meio

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada em uma sessão das Quartas de Bolso, em homenagem ao poeta De Franceschi, na qual foram lidos poemas inéditos seus, com comentários de Claudio Willer. O evento aconteceu na Universidade Federal de São Carlos, em 9 de setembro de 2015.

² A Coleção novíssimos iniciada por Ohno em 1960 lançou poetas fundamentais como Roberto Piva, Claudio Willer, Renata Pallotini, Olga Savary, entre outros; publicou ainda Hilda Hilst, cuja estreia literária havia se dado a pouco, tornando-se, até os anos 90, seu principal editor. A *Antologia dos Novíssimos*, foi o volume 9 da coleção, lançada em 1961, trazia uma seleção heterogênea de poetas, dentre os quais alguns que seguiriam no ofício como Álvaro Alves de Faria, Carlos Felipe Moisés e Roberto Piva, e gente que seria conhecida por outro tipo de atuação, como o futuro historiador Istvan Jancsó.

caminho entre a literatura e a filosofia. A influência do filósofo Vicente Ferreira da Silva e de sua esposa Dora os fez avançar na obra de Heidegger e parecia levar a balança pender a rumo certo. A inesperada remessa a São Paulo, por uma tia de Piva, de uma porção de livros da geração beat – publicados pela editora norte-americana City Lights – fizeram do aspirante a filósofo Roberto Piva o poeta que hoje conhecemos por *Paranoia* (1961), obra que com felicidade cruza o legado do modernismo brasileiro à obra de Ginsberg e dos surrealistas.

Para Antonio de Franceschi a beat não teve tal efeito. O que o seduziu naquele início de anos 60 foi mesmo a filosofia, que o levou a cursar o bacharelado na USP. Nada que o tenha impedido de levar adiante a amizade visceral com Piva, Willer e Rodrigo de Haro, noites adentro, aquecidas – nas palavras do próprio – na alta gradação do Fogo Paulista. Os episódios memoráveis do grupo ficaram devidamente registrados no belo documentário *Uma outra Cidade*, de Ugo Giorgetti (2000) e no livro reportagem *Os dentes da memória*, de Camila Hungria e Renata D'Elia (2010).

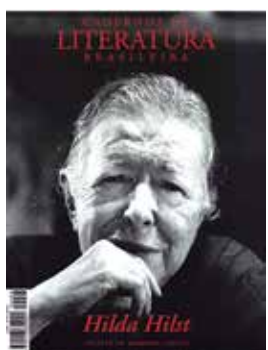
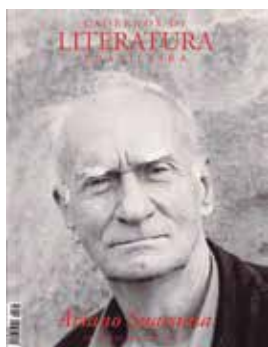
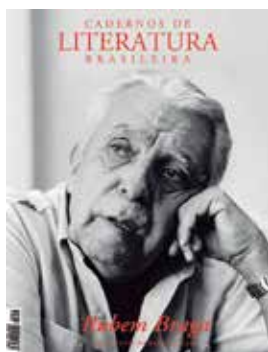
Curioso é pensar que o filósofo De Franceschi atravessou os anos 60 e 70 como poeta inédito; casou-se e foi trabalhar por anos a fio no mercado financeiro. Até que depois de mais de vinte anos cedeu – segundo diz – às pressões de Caio Graco (1931-1992), o então editor da Brasiliense. Lançou seu *Tarde revelada*, em 1985: um livro maduro e surpreendente, composto por poemas em que a poesia, o livro e o próprio poema sendo escrito eram os temas: em “Quatour” fala o poeta que empaca na quarta linha de sua escrita, “linha de resistência / que nome dar à impotência / retorno inútil da frase / ao ponto de partida? // em vão assim a poesia / contra o fatal limite / o quarto / se continua / e tudo além era ▶

› afasia”. Também a memória foi tema recorrente naquele volume e, em poemas a um só tempo filosóficos e imagéticos, lê-se: “A memória retém os que devem ficar. / Mesmo os que fugazes, teimam em partir. / Lembrar é fingir” (“Hora Memória”). *Tarde revelada* instaura uma circularidade, com a reiteração de temas e imagens, em que o mar e a memória – assuntos fundantes de sua poética – se estabelecem: “Mas recupere-se sobretudo / antes que tarde / a memória perdida / do caminho / para que tudo possa / no eterno fluxo / a seu tempo e hora / recomeçar”. Tanta precisão e delicadeza renderam ao livro o prêmio Jabuti daquele ano de 1986. Como também lhe renderia um prêmio APCA seu livro seguinte, *Caminho das águas* (1987).

Sobre sua poesia, disse Piva: “é hermética, muito mágica, muito cheia de mistérios, são meandros que percorrem esta vivência urbana e cósmica dele, de uma forma espantosa. Ele consegue sintetizar em um poema curto toda uma experiência de mundo.” É esta experiência que em seu livro *Sal* (1989) se mostra plena: logo no primeiro texto, a voz poética assume a persona de Sinbad, o marujo, para narrar sua jornada vital como navegação: “e tão breve foi o dia / pelas astúcias da vida / que me fiei sem receio / no imponderado percurso / era sul? / era norte? / era noite e eu não sabia”.

Em sua trajetória poética, De Franceschi, o filósofo, está sempre presente. Questões epistemológicas são elaboradas, poemas confrontados geram paradoxos. Certa feita diz: “que nomear é assombro / roçar delicado / susto e faro / no âmago / como pegadas no chão” (“Pneuma”). Noutro momento, como no poema “Algo” (inclusive no livro-reportagem “Os dentes da memória”) tangencia o inominável, dando-lhe contorno.

No livro *Fractais* (1990), oferece ao leitor, em espelho, epigramas sobre cada um dos termos de pares mínimos: quente/frio, mole/duro, céu/inferno, transparente/opaco etc.; ao final, um posfácio de Houaiss, define não apenas o livro, mas a poética de



De Franceschi foi editor da revista *Cadernos de Literatura Brasileira*, publicada pelo Instituto Moreira Sales

seu autor: “De Franceschi como que nos avisa: como Ali Babá, eu sabia que o caos verbal – o tesouro – existe; como ele, quis o ‘abre-te, Sésamo’, mas não queria roubar, pois só queria um fóton cuja ausência na gruta ninguém notará mas poderá – quem sabe? – enriquecer a colina...”

Com De Franceschi, enfim, estamos diante de um poeta clássico. Ou de alguém que, como seu poema “Egogramático”, oferece uma definição adequada da escritura: “Poeta: sujeito sem predicados”.

Caberia dizer ainda, ao encerrar estas linhas, duas ou três

coisas a seu respeito, às quais nem sempre se atenta: além de poeta, De Franceschi foi o diretor do Instituto Moreira Sales – que ajudou a fundar em 1990 – até 2008. Isso significa dizer que foi artífice e diretor de alguns projetos literários fundamentais às letras brasileiras, como os *Cadernos de Literatura Brasileira*, que tanto recolocaram em evidência autores importantes, como Hilda Hilst e Raduan Nassar, quanto reordenaram materiais de outros canônicos, como Guimarães Rosa e Drummond, editados com maestria pelo jornalista Rinaldo Gama. Todos os cadernos tornaram-se bibliografia fundamental de consulta a pesquisadores.

Ao se consultar os sete livros de poemas que compõe sua obra lírica, lançados ao longo de três décadas, revela-se uma trajetória de coesão impressionante, construída de modo singular, em um percurso em nada circunstancial. Cabe lembrar as palavras do também filósofo Giorgio Agamben, ao definir o contemporâneo: “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo”.

Que estas palavras sirvam de epígrafe à necessária edição da poesia completa do autor, para que os leitores brasileiros tenham o direito de conhecer não apenas um de seus poetas fundamentais, como também o tempo em que vivem. ✦

Wilson Alves-Bezerra é escritor, tradutor, crítico literário e professor de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É autor, entre outros livros, de *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga* (ensaio, 2008), *Histórias zoófilas e outras atrocidades* (contos, 2013) e *Vertigens* (poemas em prosa, 2015, Prêmio Jabuti na categoria Poesia - Escolha do Leitor). Traduziu autores latino-americanos como Horacio Quiroga e Luis Gusmán. Mora em São Carlos (SP).

Uma colcha de retalhos da aventura humana...

Krishnamurti Góes dos Anjos

Especial para o *Correio das Artes*

Diolindas (Editora Penalux, Guaratinguetá-SP, 2017, 190 pág.), romance escrito a quatro mãos por Eltânia André e Ronaldo Cagiano, traz, grosso modo e resumidamente, a história de uma simples costureira do interior do Brasil, que após sua morte tem a vida revisitada por uma de suas filhas. Os autores mostram-se exímios na arte de entrelaçar pontas, de desenvolver ficcionalmente o que no princípio fica insinuado. Propõem o mistério de uma situação invulgar e, ao mesmo tempo, e com o desenrolar do enredo vão expondo os mistérios das personalidades envolvidas. Aí o polo irradiador da trama.

“Quando os primeiros sinais de uma cegueira intermitente me trouxeram pavor e incerteza, criando instabilidade e insegurança, comprometendo a minha liberdade, comecei a me preparar para algo tenebroso. A sensação de encruzilhada era real e tormentosa. Era chegada a hora de um acerto de contas, voltar-me à vida que havia deixado para trás há alguns anos.” P. 19.

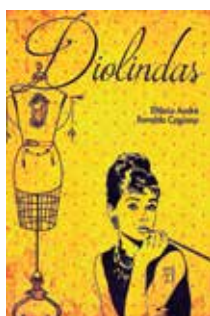
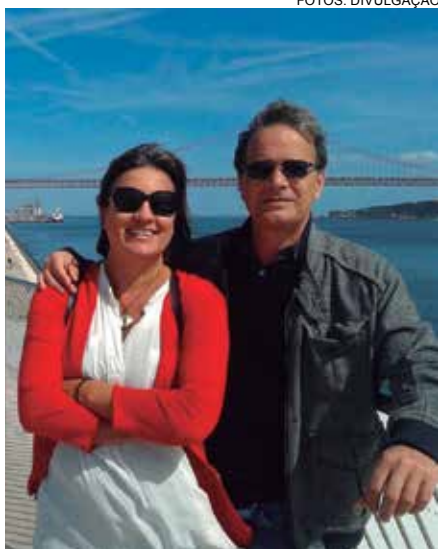
Este o conflito latente de Bel a protagonista (filha da costureira Diolinda), que refletirá ou interpretará a matéria-prima, que é a personagem Diolinda. A filha uma mulher que se emancipou, fez carreira como estilista em Paris. A mãe uma costureira sim-

ples, que viveu enclausurada na estrutura patriarcal brasileira dos anos cinquenta do século vinte, quando solteira, engravida. Doces ternuras violentadas pelo meio hostil. Histórias que se entrelaçam com outras tantas e que vão constituir uma imensa colcha de retalhos da aventura humana. Melhora e amplia ainda mais as perspectivas de compreensão de um tal entranhamento de histórias, o cenário sócio-político brasileiro e mundial do período em que a história se desenvolve. Mais ou menos de 1935 a 2008. Salienciamos pela percuciência da análise política, dois capítulos: “Fibra de vidro” a comentar o governo de Fernando Collor e a trajetória do PT e Lula no capítulo “Lã de escória”. Dois momentos grotescos da história brasileira recente. Vale muito a pena ler, refletir, e não esquecer, antes de sairmos matando-nos uns aos outros, como estamos prestes a fazer...

Da morte para a vida, voltamos ao livro. Até porque o que o que verdadeiramente importa não é a morte dos homens mais sim, como viveram. Lembramos o óbvio. Diolinda está morta. Dentro do que acreditamos ou fingimos acreditar, pela maneira como vivemos, Diolinda pôs-se afinal a salvo de tudo. Sacudiu o fardo de seus ombros.

A obra flagra também o confronto de gerações num mundo que começa a erigir novos valores em detrimento de outro mundo que o julga com preconceito, sobretudo o de natureza sexual. Mas aí está: permanece para a humanidade a insufi-

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Casal de escritores Ronaldo Cagiano e Eltânia André, autor do romance *Diolindas*

- ▶ ciência de significados alicerçados em convicções consoladoras. Perdura no caso específico da protagonista Bel (sintomático, portanto), o sentimento da inutilidade da existência. Substituímos o que era ruim, pelo nada absoluto, quem sabe?

“Uma sensação desconfortável diante do escuro que atormentava minha alma – a abundância de pensamentos, eles fervilhavam como bolhas no pântano. Sobre mim a noite difusa, imagens sortunas que me aniquilavam, enquanto eu encarava o imenso e fúnebre pesadelo da perda. Não conseguia entender o ciclo da vida. Era essa insegurança, esse desatino, esse medo instaurado compulsoriamente em meus sentidos. Conjeturo sobre o mistério da existência e não encontro respostas. A verdade fragiliza a esperança. Ela vem de uma única vez e não tenho forças para enfrentá-la. Há uma coleção de culpas, e na guerra contra a finitude todos os argumentos quedam impotentes, enquanto só podia contemplar de dentro a liberdade que plasmava do outro lado. E depois, o

**Nelson de Oliveira
no Prefácio à
obra salienta
que os autores
conseguiram o raro
feito de, a quatro
mãos, escrever
uma obra “com
sintonia e equilíbrio,
harmonizando forma
e conteúdo”.**

imenso vazio de tudo, a fulminante certeza de não pertencer a lugar nenhum” p. 37.

Ponto alto do livro é o trecho que, dentro de uma perspectiva que mescla a sofrida existência de Diolinda com a interpretação feita por Bel, desse mesmo sofrimento, emerge uma visão sobre o efeito do tempo e da memória sobre o ser: “Cada lugar é a denúncia silenciosa envenenando o silêncio, e torna-se o espólio das perplexidades. O campo em torno é colônia de lágrimas, territórios do inexistente, em que o passado, sem modéstia, não sossega, ruína sem igual, consórcio com o inevitável, e ele nos rói como cupim: monte de tijolos, casas destelhadas, o gradil das janelas, o batente das portas, a madeira resistente das cumeeiras, os mourões das cercas. Tudo se resume em ausência e fracasso, provavelmente foram servir de combustível para os fogões a lenha que ainda havia nas casas, e sobrevivem ao canto avassalador da modernidade”. P.129

Em meio ao sofrimento de tantas outras perdas somadas à da mãe, a protagonista vive um mundo que não é o seu, um mundo que não a satisfaz: “... porque a velocidade da era moderna, com fetiches, embalada pelo consumismo, nos converte em números e cifras. Prefiro a paz do interior, saber o nome das pessoas”. P.161.

Até que surgem lampejos de reação. E afirmamos sem medo de errar; ela sempre virá para quem assim o deseje: “Bel fez-se à sombra do que imaginava querer Diolinda, mas sendo a outra, viu-se também esquarterada, aos pedaços espalhados por um caminho postiço, e agora que percebia a sua própria ausência, como seriam as manhãs?” P.159, e: “Creio que a consciência de nossa finitude, por algum tempo despertou-me para a verdadeira dimensão de nosso estar-no-mundo, de modo a torná-lo menos vazio e mais produtivo”. P.152.

Diolinda, Pedro, Ricardo, Tio Chico, Bel, Lurdinha, Vânia são

as personagens/retalhos mais evidentes da colcha. A vida os costurou, inexoravelmente. Como sói acontecer com todos os que nos atravessam os caminhos da existência. Mas há também a identificação de outro fio que é tecido pela vida e que nos une num entrelaçamento supremo, magistralmente sugerido pelos autores (grande mérito do livro): os fios da existência nos entrelaçam a todos indistintamente num só tecido, esta a “súplica que vem de longe, de muito longe, do íntimo das coisas, do fundo das eras”...

Nelson de Oliveira no Prefácio à obra salienta que os autores conseguiram o raro feito de, a quatro mãos, escrever uma obra “com sintonia e equilíbrio, harmonizando forma e conteúdo”. Na orelha da obra se afirma sobre o livro: “Vivências que dizem respeito à nossa própria condição, às vicissitudes do cotidiano e aquela ancestral luta em que cada ser, feito Sísifo redivivo em intemorata repetição, busca vencer a poeira do tempo, comunicar suas dores & delícias e enganar a morte”.

E Albert Camus, em seu ensaio *O mito de Sísifo* introduz sua filosofia do absurdo: o do homem em busca de sentido, unidade e clareza no rosto de um mundo ininteligível desprovido de Deus e eternidade (?). Será que a realização do absurdo exige o suicídio? Camus responde: “Não. Exige revolta”. Revolta entendida, acrescentamos nós, como luta. Por duas razões bem simples: A primeira é uma constatação, por mais que a neguem: “Há mais força na erva que cresce em cima de uma sepultura do que toda verdade científica”. E a segunda; uma exigência da própria vida. O “mundo está aí, um permanente desafio a exigir firmeza e esperança”. ✖

Krishnamurti Góes dos Anjos é escritor, pesquisador e crítico literário, autor, dentre outros livros, de *Gato de telhado*, *Doze contos e meio poema* e *Um novo século*. Reside em Salvador (BA).



Jogo em crise - futebol, literatura e política

O Brasil enfrenta um momento difícil em sua vida política. Um momento de impasses, retrocessos e esgarçamento do seu tecido social causados por um revés institucional na sua tenra democracia e no seu imberbe desenvolvimento econômico que o fez sair da condição de país subdesenvolvido para o patamar de país em desenvolvimento, no concerto das nações. Tudo parecia caminhar bem com a trilha desse caminho percorrido pelo Brasil até que um “golpe parlamentar” por dentro da democracia – que tirou do poder uma presidenta democraticamente eleita pelo voto de mais 54 milhões de seus cidadãos - fez o país mergulhar outra vez em águas turvas, reavivando comportamentos autoritários, policiaescos e colocando a convivência social outra vez no quadro temerário do confronto entre poderes, instituições e relações sociais. Um quadro até certo ponto parecido com a

experiência de uma ditadura clássica embora que, dessa vez, paradoxalmente, a coisa acontecendo por trás de uma máscara que induz estar-se diante de uma nação em que impera o estado democrático de direito.

Uma face nova e perigosa, enfim, se insinuando por trás de um rosto que parecia agradável e familiar. Justamente por isso, por causa deste contexto incerto em que vivemos atualmente no Brasil, é que resolvi trazer, para o leitor desse nosso *Correio das Artes*, uma pequena história envolvendo futebol, literatura e convivência social em momentos de crise. Na história, que analiso para expor suas entrelinhas ao leitor, o cenário de fundo é a ditadura política, implantada no Brasil pelo golpe militar de 1964, quando a nossa sociedade ficou sem respirar, dado o sufocamento de sua estrutura de funcionamento. Ali, o futebol cumpriu um papel importante ao se tornar – para o bem ou para o mal – uma espécie de válvula de escape da convivência e do diálogo social. Ora amparado; ora condenado pelo governo de plantão na medida em que servia ou não aos propósitos do poder usurpador.

A ideia é nos servirmos aqui da literatura e do futebol, nas suas relações intrínsecas e extrínsecas, para percebermos similaridades e situações de ontem, de outrora e de hoje, na vasta experiência por que tem passado a vida brasileira.

Vamos ao texto.

Em 1970, a conquista da Copa Mundial de Futebol, pelo Brasil, foi uma válvula de escape para o sufoco da ditadura



FOTOS:
REPRODUÇÃO
INTERNET

▶ “FAMÍLIA,
FUTEBOL E
REGATAS” - UM
CONTO DE
RICARDO SOARES

Árduas discussões à mesa de almoço dos domingos, opondo um genro a um sogro, são o motivo para que o filho de um e neto do outro conte as suas lembranças acerca da Copa do Mundo de 1970, e também de um Brasil governado por uma ditadura militar que se instalara no país apenas seis anos antes da conquista do seu terceiro título mundial de futebol.

Transformado pelo signo linguístico numa figura só, o narrador autodiegético dessa história aproveita-se da condição privilegiada de membro de uma família de origem portuguesa típica de São Paulo, e, do alto de sua lente de observação de adolescente entre adultos, tece considerações pessoais sobre a relação entre política, futebol e cotidiano, o que acaba por desvendar certos aspectos ainda hoje não tão bem resolvidos da formação social brasileira.

A história é simplória e nada há que destacar em termos de literatura senão a sua oportuna e não disfarçada denúncia de um período da vida brasileira em que a convivência social tornara-se tensa e monocórdica porque movida pelo medo. O seu pano de fundo, pois, é uma conjuntura político-social em que o diálogo entre as pessoas pautava-se mais pelo modo imperativo dos verbos do que pelo tom pluralizante e qualificador dos substantivos quando bem acompanhado dos adjetivos.

Talvez seja por isso que o futebol (jogo assentado no diálogo coletivo que produz) entre na narrativa como um tema que se situa ambigualmente entre o interdito e o desejado. Como um veículo apropriado para opor e



para juntar simultaneamente os lados díspares de uma realidade forçadamente monodimensional, aspecto que sobressai já no início da história, através da observação atenta do narrador:

“Da ponta da mesa levantando a taça de vinho tinto e contemplando o vasto cozido português meu avô sentenciava:

- Futebol e política não se discute. Muito menos à mesa”, diz, para em seguida completar em arremate de síntese:

“Naquele momento por um prazer quase sádico tudo o que meu velho avô português queria era justamente criar uma acachapante discussão à mesa provocando o genro com quem tinha menos afinidades e maiores diferenças”.

Não as afinidades, mas sobretudo as diferenças (sociais, econômicas, étnicas, de visão de mundo, valores etc.) entre as pessoas é que serão postas à mesa, na agenda de reflexões que esta narrativa de ficção pode oferecer retroativamente ao leitor de hoje, já bem mais acostumado a lidar com elas como requisito fundamental para a convivência social no regime democrático, em contrapartida ao leitor de ontem, do tempo em que calar a boca era a atitude mais “recomendável” para sustentar o diálogo social, paradoxalmente baseado no silêncio.

“Eu digo isso e repito, eu digo!!! Não se discute à mesa e muito menos à minha mesa onde se preserva a educação e os bons

◆ jogada de letras



O futebol proporcionava momentos de alegria, porém, para muitos brasileiros, a realidade era de perseguição, tortura e morte

modos, atributos que o senhor infelizmente não tem”.

Como foi já sugerido, o futebol parece ser o único elo que, nesta conjuntura pesada e amordaçante, tem o poder de ligar os vínculos pessoais (familiares ou não) mesmo que da forma explosiva que o ambiente sugere. Este detalhe não escapa ao narrador que, situado desconfortavelmente entre as figuras discrepantes do avô e do pai, funciona como um pêndulo para o qual converge a situação particular, historicamente colocada, da relação inescapável

que o jogo das massas mantinha então com a política no Brasil. É desta posição, portanto, que o narrador acorre para completar:

“(…) Fato é que para o meu avô naquela altura do campeonato ter modos queria dizer torcer para o Santos Futebol Clube. (...) Ter modos naquele momento para o meu avô queria dizer gostar de algumas coisas que os militares vinham fazendo mas também que não se devia esquecer o legado e a herança da vassourinha de Jânio Quadros, apesar da renúncia em 1961”.

Dito isto, a partir daqui as oposições que informavam a realidade daqueles tempos de chumbo ficam inexoravelmente claras, na encenação figurativa dos dois personagens antagônicos: “Meu avô era Jânio e meu pai era Lott. Meu avô era Médici e meu pai era JK. Meu avô era Santos e meu pai era Corinthians. Meu avô era branco e meu pai era negro”.

O Brasil de então (e de resto, o próprio contexto mundial) parecia ser reduzidamente composto de apenas duas partes, dois lados, duas faces que sempre se opunham, porque aqueles eram tempos que não permitiam meio termo: ou se sonhava ou se encrava o pesadelo.

“Quando saíam essas brigas todos em volta da mesa ficavam calados, constrangidos, mortificados. As discussões destroçavam qualquer possibilidade de harmonia dominical e invariavelmente estragavam a sobremesa porque para arrematar meu avô sempre implicava com o jeito que meu pai sugava o café e se aborrecia com o cigarro barato que ele acendia logo em seguida”.

Esse, pois, era o clima com o qual o contista Ricardo Soares pretende, nesse texto ficcional, figurar um momento difícil da nação em que as pedras rolavam enquanto a bola corria. “Estava para começar a Copa do Mundo de 1970 no México. Para ser sincero eu não me lembro se naquela época tinha *slow-motion*, câmera lenta, *replay* ou qualquer dessas coisas. Do que lembro bem eram

das discussões acaloradas entre meu pai e meu avô”.

Claro que essas discussões inicialmente tinham como mote o âmbito futebolístico, mas o que se quer lembrar aqui, neste conto, através do jogo de futebol - para além do ambiente de euforia criado no país com a perspectiva real da conquista do nosso terceiro título mundial -, é que a realidade de uma ditadura, pelas fissuras e rompimentos que provoca (até a fadiga completa da ambiência de convívio entre as pessoas), tem sempre como corolário duramente palpável o esgarçamento do tecido social. E, neste caso, nem o jogo mais querido dos brasileiros resolveria a parada. Senão, que até alimentava o contexto:

“- Essa Copa de 1970, esse time vai nos dar muitas alegrias - dizia o avô.

- Eu não tenho tanta certeza assim. E de mais a mais se a gente levar os militares vão se aproveitar disso, vão usar a taça Jules Rimet para esconder todas as safadezas que vêm fazendo - respondia o pai”.

A parte a versão lugar-comum desse tipo de crítica ao aproveitamento político por parte do *establishment* de plantão em relação às coisas do esporte, o diálogo acima, cujo teor nessa direção perpassa toda a narrativa assegurando a ela o seu vigor denunciativo, é bem paradigmático da maneira como, àquela época, o conteúdo dialético da natureza do futebol preenchia, no espaço privado das famílias, as lacunas deixadas pela ausência da discussão política no espaço público. Espaço público esse que sequer existia ou então era reduzido a sua minimalidade funcional.

“- Seu Gomes, não sabe o que está dizendo... tem muita gente aí sofrendo, apanhando, sendo morta porque não concorda com o governo.

- Que sendo morta o quê!!! Isso é intriga de comunista. Este país é uma maravilha e está crescendo... veja aí você mesmo. Este país é uma benção. E ainda vamos ganhar esta Copa do Mundo.”



A presença do comando político e militar nos estádios passava uma falsa impressão de normalidade institucional

Bom, depois do clima de relativa tensão criado pelo narrador para informar o matiz plúmbeo do conteúdo político daqueles tempos, que, como já foi lembrado, perpassava inteiramente a conjuntura futebolística da realização de uma Copa do Mundo, seu acontecimento máximo, que os dois personagens aproveitavam para passar em revista certas divergências (a questão do general Médici querer escalar o time brasileiro, a substituição de João Saldanha – um comunista declarado – por Zagallo, “um bunda-mole”, na opinião do pai do narrador, etc.), chega-se, enfim, a um momento de relativo relaxamento na trama. Afinal, o Brasil foi mesmo Tricampeão do Mundo em 1970. A despeito da oposição de uns e para o delírio de outros.

Do ponto de vista meramente formal, como de resto toda a narrativa, o seu final é cediço, previsível no seu encaminhamento de desfecho, e, portanto, dedutivamente lógico, o que não lhe tira

certo tom irônico de arremate.

“Sim, senhoras e senhores. Ganhamos lindamente a Copa de 70 no México. Carlos Alberto fez o quarto gol contra a Itália, todos nós beijamos simbolicamente a taça Jules Rimet e éramos 90 milhões em ação. Um domingo depois da conquista da Copa toda a família foi fazer piquenique e passar o dia às margens da represa Billings, em São Bernardo do Campo. Meu avô – com a ajuda do meu pai e de um tio – tirou um velho barquinho de cima da perua Rural Willys. Entramos no barco e fomos fazer *regatas* como dizia o meu avô. Na volta trouxemos algumas tilápias. Saborosas mas repletas de espinhas. Como aqueles tempos. Comemos as tilápias fritas melando as mãos e lambendo os beiços. Não pensamos mais em futebol naquele domingo”.

SOBRE O AUTOR



Ricardo Soares nasceu em São Paulo (SP). É escritor, jornalista, roteirista e

diretor de TV. Já dirigiu documentários para a TV Cultura, programas para o Sesc TV e edita a revista *Raiz*, sobre cultura brasileira. É também conselheiro editorial e colunista da revista *Rolling Stone* e um dos criadores do programa *Metrópolis* da TV Cultura do qual foi o primeiro apresentador. Foi repórter do Caderno B do *Jornal do Brasil* e tomou parte da equipe fundadora do Caderno 2 do *Estadão* em 1986. No mesmo jornal foi cronista de 1993 a 1998. Desse ano até 2001 foi cronista do *Jornal da Tarde*. Dirigiu as redações das revistas *TRIP* e da extinta *HV*. De 1998 a 2005 dirigiu, escreveu e apresentou “Literatura” e “Mundo da Literatura”, programas sobre o universo literário que continuam a ser reprisados pelo Sesc TV. É coautor das peças *Olho da rua* e *Quatro estações*. Tem vários livros publicados, a exemplo de *Cinevertigem* e os infanto-juvenis *Valentão*, *o Brasil é feito por nós?*, *Dia de submarino* e *Falta de ar*. O conto de futebol, “Família, futebol e regatas, consta da coletânea *11 Histórias de futebol*, da Editora Nova Alexandria, de São Paulo, que saiu em 2006.

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Alguns apontamentos

EM TORNO
d' *O Evangelho segundo Lázaro*
DE RICHARD ZIMLER



O romance de Richard Zimler integra-se num estilo realista alicerçado no histórico, no cultural e no sócio-ideológico

“

Quem não pode morrer
arranque a lápide
levante e ande

Até quando?
Até onde?

Edmar Monteiro Filho, *Lázaro*

Victor Oliveira Mateus
Especial para o *Correio das Artes*

A vida e obra de Jesus Cristo não têm sido temas apelativos para o romance português contemporâneo. Se o cinema ocidental tem visto no assunto matéria inesgotável para as suas abordagens (Pasolini, Scorsese, Zeffirelli, Gibson, etc.), o mesmo acontecendo com a música dita erudita (Bach, Liszt, Messiaen, etc.), já o romance luso fica-se por duas meras incursões na história sagrada: *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) de José Saramago e *Os últimos dias de Pôncio de Pilatos* (2011) de Paula de Sousa Lima. Se outros motivos não existissem, o facto de nos encontrarmos perante um território literariamente inóspito, já seria de louvar a temeridade com que Richard Zimler se lança na construção da sua narrativa. Sem nos esquecermos que a relação da História com a Cultura tem sido uma das dominantes na ficção de Zimler, urge, no entanto, acrescentar que em *O Evangelho segundo Lázaro* há uma vertente psicologista – fundada quer numa sistemática introspeção do narrador, quer numa análise do relacional – que, tomando igualmente a dianteira, forma com os aspetos históricos e culturais uma tríade que, não só dota a estrutura narrativa de coerência e sistematicidade, como apresenta a tese central do livro com uma razoabilidade que incita a reflexão e o questionamento.

Este romance de Zimler integra-se num estilo realista alicerçado no histórico, no cultural e no sócio-ideológico, contudo, este realismo é constantemente atravessado por momentos ▶

▶ de intersubjetivismo e de intrasubjetivismo, que o autor assinala a itálico. Convém acrescentar que este psicologismo nada tem a ver com as exaustivas análises do mundo interior levadas a cabo por Proust no seu emblemático romance; em Zimler os excertos em itálico mantêm-se presos ao imediatismo do instante vivenciado (Cf. p 25) ou são puras conjecturas em torno do pensamento ou do monólogo interior do outro (Cf. p 52, p 70, p 332). É este aspeto estilístico, bem como a escurreita articulação da intriga e o modo de tratar o tempo narrativo, que dotam *O Evangelho segundo Lázaro* de uma tessitura sólida e de uma fruição agradável e enriquecedora. Relativamente à questão do tempo narrativo, Richard Zimler demarca-se do romance fragmentado e do articulado emparelhamento dos planos narrativos, optando – de modo exímio e coerente – por uma linearidade diegética constantemente transpassada por analepses (Cf. p 83), elipses (Cf. p 75), resumos (Cf. p 402), prolepses (Cf. p 17). Também no que diz respeito aos aspetos psicológicos já referidos é importante considerar a forma rigorosa como são desenhados atitudes, modelos comportamentais e, sobretudo, as personalidades das personagens como, por exemplo, as de Jesus, Marta e Anás, o anterior sumo sacerdote, cujas ações aparecem no livro com uma inventariação de pormenores digna de um tratado científico.

O Evangelho segundo Lázaro apresenta um prólogo, à guisa de advertência, para que o pergaminho que vai ser exposto não possa ser roubado, vendido, desfigurado ou queimado (p 9). Após este *Conselho amigo*, Lázaro lança-se na sua versão da vida de Jesus, tomando como início da narração a história da sua própria ressurreição (pp 13-31), mas sem esquecer de referir o recetor do pergaminho – Yaphiel, o seu neto vivendo em Alexandria –, bem como o tempo histórico e o espaço geográfico da narração. Um dos aspetos mais interessantes deste livro é a forma como se entrecruza a preocupação de rigor de Lázaro com as zonas



O jornalista e escritor Richard Zimler, autor de O Evangelho segundo Lázaro, é norte-americano naturalizado português. Radicou-se em Portugal em 1990, residindo desde então na cidade do Porto

de sombra que o autor inculca no discurso do narrador – exemplo: Lázaro, durante o tempo em que esteve morto não vislumbrou quaisquer sinais de uma qualquer transcendência, o que, obviamente, o deveria direcionar para um ateísmo convicto (na página 271 fala-se mesmo da sua perda da fé!), todavia, várias são as passagens do livro em que ele invoca o Senhor (Cf. p 415); outro exemplo: Lázaro não fundamenta de forma suficientemente clara a forma como entende o regresso de Jesus – aqui e ali – após a sua crucificação, se por vezes levanta a possibilidade de o vir a reencontrar “quer na sua própria pele, quer na pele de outro homem ou mulher” (p 439), posição esta que tangencia a teoria platónica da transmigração da alma, outras vezes parece querer substituir o conceito de *aparição* pelo de *visão* (p 381-384, p 440), seguindo de perto a sistematização operada por Ratzinger

relativamente a investigações teológicas que o precederam. A questão da ressurreição – quer a de Lázaro, quer a de Jesus – é um dos temas fundamentais deste livro, contudo, Zimler afasta-se de toda a tentativa primária de clarificar o fenómeno (uma das tais zonas de sombra já referidas!), parecendo querer deixar para o leitor a liberdade de interpretação, já que são exatamente as palavras de Jesus que irão operar a cisão entre a visão judaica da dos primeiros cristãos no que diz respeito à tríade morte/ fim dos tempos/ ressurreição (Cf. “Ce qu’ils n’ont pas dit de Pâques” de Daniel Marguerat in ▶

► “Les premiers temps de l’Église”, org. Marie-Françoise Baslez, Gallimard, 2004, pp 92-100): Marta e Maria sabem que Lázaro ressuscitará no fim dos tempos, mas isso não parece consolá-las, daí reprovarem Jesus por não ter chegado a tempo (Cf. Daniel Marguerat, op. cit. p 99), por sua vez este, apesar de saber que ainda naquele dia (e o fim dos tempos é, então, trazido para o presente!) Lázaro poderia estar diante do Senhor, mesmo assim, decide trazê-lo de novo à vida. Eis os dois pontos fundamentais deste livro: a ressurreição de Lázaro e a figura de Jesus!

A figura de Jesus não é, no entanto, nesta obra, apresentada como a do filho unigénito de Deus, como aquele que sendo Deus encarnado participa da sua substância e da sua natureza. É evidente que é um filho de Deus, mas no sentido em que todos o somos, talvez com capacidades e aptidões superiores às do vulgo para comunicar com a transcendência, mas é apenas isso e nada mais. Por conseguinte, em *O Evangelho segundo Lázaro*, Jesus é frequentemente apresentado (apenas) como: profeta (p 237), milagreiro (p 261), *um ser extraordinário* (p 214, p 265), mago (p 177, p 295), “auxiliador/ comunicador à distância” (p 338, p 356), curandeiro (p 358), feiticeiro (p 196). Ora, e aqui Richard Zimler insere exemplarmente o seu livro no ambiente teológico e filosófico não só da época por ele abordada, mas também daquelas que imediatamente se lhe seguiram – exemplos: Apolónio de Tiana (final do século I D.C.) viajou por todo o Império Romano tendo granjeado fama de mago, profeta e operador de milagres, aliás, também a tese de divindades intermédias ou de seres mediadores era bastante comum, como podemos ver em Numénio de Apameia (Síria, século I D.C.) e em Plutarco de Queroneia (46-120 D.C.), sendo este o mais notável representante do chamado Platonismo Médio e em Fílon de Alexandria (30 a.C.), convém não esquecer que é exatamente em Alexandria que reside a tia de Lázaro, Ester, e será nesta cidade que a personagem que dá

título ao livro encontrará um dos seus refúgios, bem como algumas das primeiras figurações de um cristianismo emergente, deturpador e fanatizado. Será em Alexandria, já perto do final do romance, que Lázaro irá conhecer os arautos de uma nova religião alicerçada numa figura que nada tem a ver com o Jesus que ele conheceu e com quem conviveu desde a infância.

Mas *O Evangelho segundo Lázaro* não é apenas uma obra inserida, de modo escorrido, numa cultura a partir da qual lança a sua mensagem. Os aspetos político-ideológicos (Cf. p 333), económicos e sociais são a outra trave mestra do romance: após a sua ressurreição, Lázaro regressa a casa numa ruela onde as pessoas se começam a amontoar para, diariamente, lhe pedirem a bênção ou, até mesmo, a cura para uma ou outra maleita. Este fenómeno, bem como a cumplicidade com um Jesus, que, pelo discurso e pela ação, vai afrontando os poderosos do seu tempo, acabará trazendo enormes problemas aos dois amigos. Veja-se, por exemplo: Jesus libertando um escravo (p 212), as críticas que faz a Cai-fás (p 214), a sua recusa da passividade ante o poder de Roma (p 218), etc. O afrontamento de Jesus aos valores da conformidade, bem como a solidariedade – por vezes cautelosa – demonstrada por Lázaro, têm duas consequências inevitáveis: a prisão e crucificação de Jesus e a perseguição movida a Lázaro – e família – que o leva a ter de abandonar a Palestina. O conflito, inicialmente com a casta sacerdotal – sobretudo com o despótico Anás, o antigo sumo sacerdote – que teme a perda de privilégios, alastra depois ao poder temporal e, apesar de não se estar perante um modelo político teocrático, o que é facto é que a execução de Jesus enfatiza a frase de Henri Pena-Ruiz para este tipo de sociedades: “Dieu et

César pour le pire” (In “Qu’est-ce que la laïcité?”, Folio, 2003, pp 50-56). Lázaro tudo faz para tirar o seu amigo da prisão: pedidos a Lucius, seu patrão; tentativa de persuadir Augustus Sallustius, o áugure de Pilatos, mas nada surte efeito. Estava-se perante o inevitável (pp 354-373)! Com parte da família assassinada como represália, resta a Lázaro uma única saída: a fuga, primeiro para Jericó, depois para Rodes... No final do romance, surge a explicitação do porquê da necessidade de escrever este seu *Evangelho*, da necessidade que sentiu em expor a Yaphiel, seu neto, aquilo que foi a verdade factual da vida de Jesus, aquela que ele vira com os seus próprios olhos e não a propagada naquele momento pelos seus seguidores que pululavam mundo a fora.

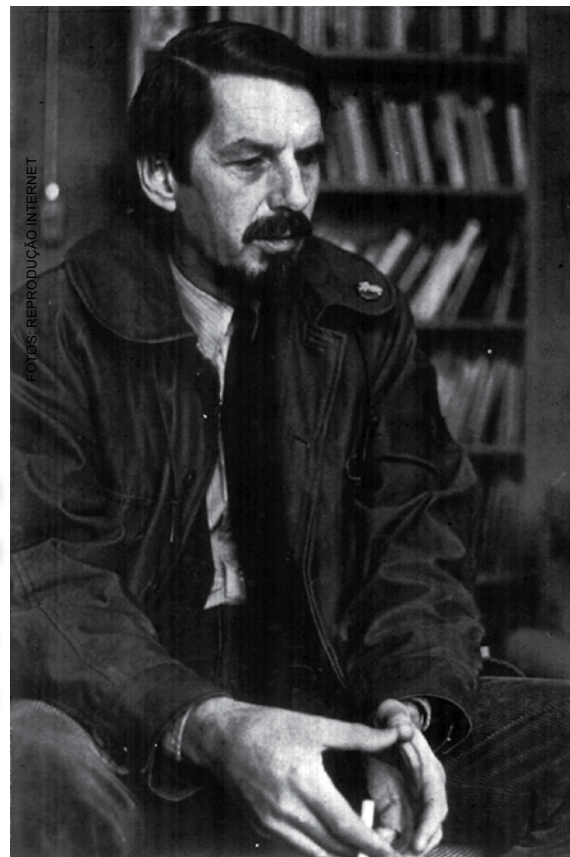
Richard Zimler articula assim de modo inextricável três variáveis: a preocupação com a verdade objetiva de que o narrador se faz arauto; as “pausas” de cariz reflexivo (Cf. p 221, p 243), que, porque distanciadas umas das outras, poderão parecer incipientes e desnecessárias e os momentos carregados de forte poeticidade, sobretudo os que relevam da relação de Lázaro com Maria, uma das irmãs, e com Jesus, onde o corpo e os sentidos assumem sempre uma conotação positiva (Cf. p 347, p 371). É a conjugação destas últimas variáveis com o referido no segundo parágrafo deste texto, que fazem d’ *O Evangelho segundo Lázaro* uma obra de valor inestimável e imperdível. ✱

Victor Oliveira Mateus é natural de Lisboa, Portugal, onde reside, e licenciado em Filosofia pela Universidade Clássica da mesma cidade. Tem cinco livros de poesia publicados e um romance. Traduziu alguns clássicos bem como poetas contemporâneos. Co-organizou, para a Editorial Tágide, a obra *Um rio de contos*, antologia luso-brasileira, e organizou, para a Editora Labirinto, a antologia *O prisma das muitas cores - Poesia de amor portuguesa e brasileira*. É sócio da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e autor do blogue de literatura “A Dispersa Palavra”.

Robert Creeley:

Poeta

DAS COISAS MIÚDAS E ÍNTIMAS



Bruno Gaudêncio
Especial para o *Correio das Artes*

A primeira vez que ouvi falar de Robert Creeley (1926-2005) foi durante as aulas do laboratório poético de Cláudio Daniel em 2016, quando descobri a opção concisa e imagética do poeta norte-americano, ao lado de William Carlos Williams, indicados enquanto expoentes do movimento poético chamado de Objetivismo¹. Na ocasião, Cláudio Daniel destacou e leu alguns poemas presentes na antologia *A Um: Poemas*, organizado por Régis Bonvicino, publicada no Brasil inicialmente em 1997, pela Ateliê Editora, de São Paulo.

Antes mesmo de adquirir a obra citada fui à busca de traduções na internet e acabei descobrindo alguns ensaios e poemas publicados em sites, blogs, jornais e revistas. Em pouco tempo consegui reunir quase cinquenta poemas de Robert Creeley espalhados nestas plataformas on-line, traduzidos por alguns dos mais experientes tradutores, ensaístas e poetas do cenário literário brasileiro atual, como André Caramuru Aubert, Guilherme Gontijo Flores, Manoel Ricardo de Lima, Régis Bonvicino, Rodrigo Garcia Lopes e Virna Teixeira.

TRAJETÓRIA POÉTICA

O poeta, romancista e ensaísta Robert Creeley nasceu em 21 de maio de 1926, em Arlington, no estado de Massachusetts, e faleceu em 30 de março de 2005, em Odessa, Texas. Foi considerado ao longo da segunda metade do

século XX um dos maiores poetas norte-americanos por muitos dos seus contemporâneos. Além disso, foi professor na Universidade de Nova York, em Buffalo.

Para Ruy Vasconcelos, um dos seus maiores admiradores no Brasil, a trajetória de Robert Creeley é única em experiências poéticas, demarcadas por vários lugares e sujeitos importantes:

Abandonou Harvard após haver sido suspenso por ter roubado a porta do dormitório; guiou ambulâncias em Burma e na Índia; morou na Provença e nas Ilhas Baleares em condições precárias; obteve o grau de mestre apenas porque Charles Olson, reitor de uma faculdade experimental de artes, lhe concedeu o título; passou um tempo na companhia de Ginsberg, Rexroth (com cuja mulher manteve um caso amoroso que quase finda em tragédia), Snyder, Corso, McClure e Ferlingetti no auge da propalada Renascença de San Francisco; casou e descasou várias vezes (prole de sete); enfurnou-se no Piauí americano (o Estado do Novo México) para lecionar poesia; teve livros traduzidos em mais de 30 idiomas; habitou lugares tão díspares quanto Helsinck e uma colônia agrícola nos cafundós da Guatemala.

Realmente, não podemos deixar de destacar o universo marginal e diverso destas experiências que com certeza impulsionaram a sua poesia. ▶

¹ O Objetivismo foi um movimento literário produzido por um grupo de poetas pertencentes à segunda geração do modernismo de língua inglesa, os quais aparecem a partir de 1930. Foram influenciados por poetas como Ezra Pound, que foi um dos seus propagadores e William Carlos Williams, próximo do grupo. Os princípios básicos da poética objetivista foram definidos pelo poeta e seu principal teórico Louis Zukofsky: a poesia objetivista trata do poema como algo palpável, como um objeto, marcando-se pela inteligibilidade e tom sincero, sem distanciamento da linguagem usual e sem evasão do mundo real, o qual deve ser observado pelo poeta com clareza.

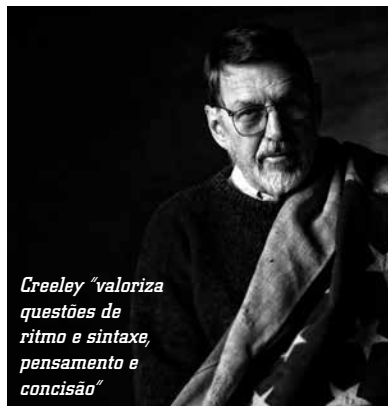
► Creeley começou a ser reconhecido como um dos membros da geração conhecida como “poetas da Black Mountain” (por causa do suplemento literário de mesmo nome) que floresceu nos anos 1950 e 1960 - revista da universidade alternativa liderada pelo poeta Charles Olson, que reunia músicos como John Cage e poetas como Robert Duncan, Denise Levertov e Paul Blackburn. Enquanto editor da *Black Mountain Review*, Creeley desenvolveu um diálogo muito próximo com o também poeta e então reitor do Black Mountain College - universidade experimental da Carolina do Norte -, Charles Olson. Ambos desenvolveram o conceito de “verso projetivo”, em que se propunha abandonar as formas tradicionais em favor de um verso construído livremente ao longo do processo de composição.

Neste mesmo período Robert Creeley tornou-se elo entre os poetas da geração *Beat* e os poetas da *San Francisco Renaissance*, e entre os grupos de Nova York e da Califórnia, conseguindo circular com desenvoltura entre poetas como Jack Kerouac e Allen Ginsberg, de um lado, e Charles Olson e Denise Levertov, de outro. Em 1962, teve mais influência que qualquer poeta contemporâneo das gerações seguintes, tendo inspirado o movimento da “L=a=n=g=u=a=g=e poetry” nos Estados Unidos.

UMA POESIA BREVE E PESSOAL

Robert Creeley publicou cerca de sessenta livros de poesia, com destaque para o livro de estreia *For Love* (1962), além dos livros *Words* (1965), *Mirrors* (1983) e *Life & Death* (1994), entre outros. Creeley também publicou um romance e alguns volumes de prosa, bem como livros de ensaios críticos. Entre seus livros de ficção: *The Golã Diggers*, *The Islande Listem*. Entre os de crítica: *Whath a Real Põem e Selected Poems of Whalt Whitman*. Nos anos 1990, reuniu sua poesia completa em dois volumes.

Segundo Rodrigo Garcia Lopes chama atenção que a primeira fase da poesia de Creeley, a exemplo da publicação de *For*



Love (1962), no qual revela a presença marcante de William Carlos Williams:

Pode-se dizer que a poesia de Creeley é um aprofundamento do método e das preocupações presentes na obra de Williams. Porém, o “objetivismo” de Creeley é frequentemente interior. Isso é, ele tenta captar objetivamente - e compactar, muitas vezes “nas entrelinhas” - estados mentais intensos subjetivos, bem como a complexidade de sua rememoração no instante em que é mediado pela linguagem poética.

Essa diferenciação é percebida por outros admiradores da poesia objetiva destes dois autores. Ainda sobre as influências de Creeley, é possível observar a influência de Ezra Pound e um pouco menos de Walt Whitman, demarcando assim um círculo de “afinidades eletivas” que o colocam dentro de uma tradição da poesia moderna de língua inglesa.

Régis Bonvicino afirma que Creeley “numa perspectiva de poesia essencialmente verbal - logopaica -, valoriza questões de ritmo e sintaxe, pensamento e concisão”. Rodrigo Garcia Lopes enfatiza além da concisão e o ritmo a procura de Creeley em transmitir uma energia emocional e intelectual direta e espontaneamente, usando ritmos naturais da fala na sua poesia e linhas determinadas para pausas na respiração:

Creeley privilegia em sua poesia a percepção refinada das coisas e dos ritmos da fala, que reinventam o cotidiano. Não seria exagero dizer que Robert Creeley forma, ao lado de John Ashbery e Allen Ginsberg, o ataque da poderosa poesia norte-americana contemporânea, em toda a sua diversidade de experiências. Nas últimas décadas, Creeley adquiriu o status de verdadeiro chef d'école, influenciando uma legião de jovens poetas e mudan-

do hábitos de leituras e idéias sobre “o que é poesia”.

A temática de Robert Creeley gira em torno das pequenas coisas, de cenas do cotidiano, de rápidas impressões de viagem, sempre numa fabricação econômica e precisa. Seu maior destaque no que se refere ao estilo são suas quebras de linhas, sempre únicas e concisas. Voltamos a Rodrigo Garcia Lopes:

Seus poemas, vacilantes, parecem estar o tempo todo querendo incorporar o caráter fragmentário e residual da experiência poética. Por isso, parecem muitas vezes “incompletos”. A intenção parece ser chamar a participação do leitor, dissolver a continuidade e o conjunto de imagens que normalmente “amarram” um poema. Não há fecho nem “eu” fixo. Creeley vale-se mais de fragmentos, de durações, feixes de sensações, do que emoções completas. Embora saiba que o ego muitas vezes representa uma barreira para a experiência, não parece ir tão longe a ponto de eliminar a subjetividade. Ao contrário: seus poemas demonstram a experiência de alguém que não vê separação entre linguagem e vida, vacilo entre o som e sentido.

ROBERT CREELEY E O BRASIL

Robert Creeley esteve no Brasil em 1996 e conheceu alguns poetas brasileiros em São Paulo (SP), deixando alguns admiradores importantes, como o já citado Ruy Vasconcelos, poeta e professor cearense e, principalmente, Régis Bonvicino - editor e tradutor de sua poesia no Brasil. Ambos foram amigos próximos nas últimas décadas de vida de Robert Creeley. Mesmo assim, passado duas décadas o que temos dele em português é muito pouco. Ao todo são pouco mais de cinquenta poemas traduzidos e publicados no Brasil de forma virtual e impressa. Entretanto, nos últimos anos, nomes como André Caramuru Aubert, Rodrigo Garcia Lopes e Virna Teixeira vêm procurando através de sites e blogs divulgar de forma mais incisiva a poesia de Robert Creeley no país. Na página a seguir alguns dos poemas de Robert Creeley, através de alguns dos seus tradutores e admiradores: ►

BREVE ANTOLOGIA

A flor

Penso que cultivo tensões
como flores
num bosque onde
ninguém vai.
Cada ferida – perfeita -,
Fecha-se numa minúscula
imperceptível pétala,
causando dor.
Dor é uma flor como aquela,
como esta,
como aquela,
como esta.

Tradução: Régis Bonvicino

Não

Não menos longe
que dentro —
não menos perto
que além.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes

Foto

Para Joanne

Dizem que uma
mulher ao passar
os limites da
casa, dobrando
a esquina, deixa
uma sensação vívida,
atrás de si,
de ter estado ali.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes

Amor

Há palavras voluptuosas
como a carne
na sua umidade,
seu calor.

Tangíveis, elas falam
das confirmações,
dos confortos,
de ser humano.

Não dizê-las
torna abstrato
todo desejo
e por fim sua morte.

Tradução: Virna Teixeira



Certos ecos

Certos ecos,
pequenas peças,
se depondo, pó,
brilho de sol, pela
janela, nos
olhos. Seus
cabelos enquanto
você os pen-
teia, luz
atrás dos
olhos,
o que ficou de tudo.

Tradução: Rodrigo Garcia Lopes

Hotel

Não está no mundo dos
relacionamentos delicados

ou memórias, nada que
você possa ter trazido com você.

Está nevando em Toronto.
São quatro e meia, uma tarde de inverno,

e a tv parece uma opaca chuva de
granizo. As pessoas que você

conhece estão lá embaixo, no saguão,
provavelmente, mas você está cansado,

você está só, e isso é bom.
Desista, e deite-se.

Tradução: André Caramuru Aubert

Bruno Gaudêncio é escritor. Na poesia publicou quatro livros, destaque para *O silêncio branco* (Editora Patuá, 2015). Mora em Campina Grande (PB).

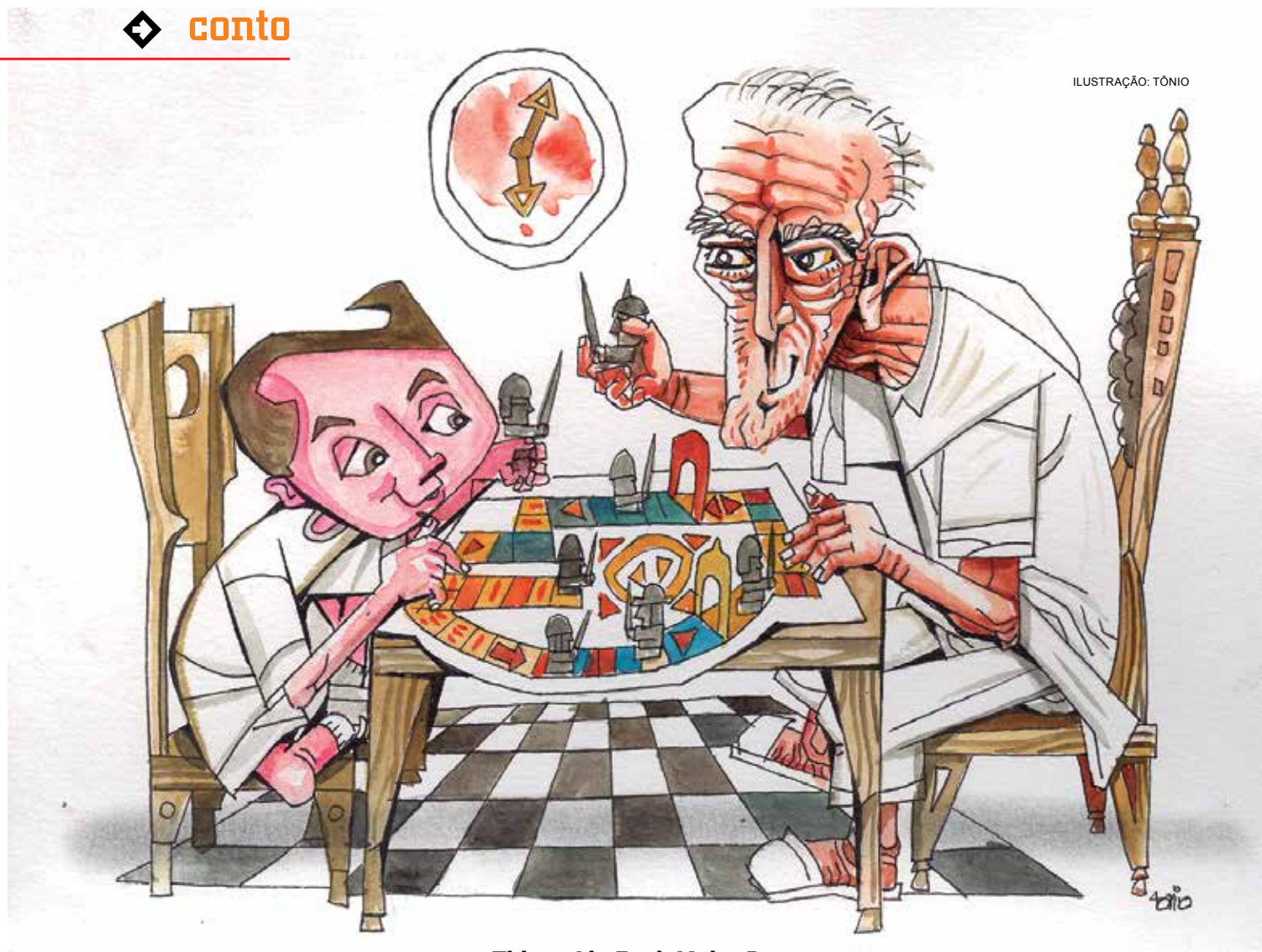


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Thiago Lia Fook Meira Braga

Especial para o *Correio das Artes*

TERMINA

- Pronto?
- Pronto.
- Então vamos lá. Um, dois, três e meia – já:
- Por que estou aqui? Como é que eu vou saber por que danado vim

bater aqui?! Pergunte a minha mulher, ora essa. Não foi ela quem o procurou e armou este circo? Pois então. Agora, estamos nós dois aqui olhando um para o outro com cara de abestados, mas não espere que eu trate você por doutor não, pode ir tirando o cavalinho da chuva, que eu devo ter quase a idade de ser seu avô. Onde já se viu?! Um homem como eu, a essa altura da vida, obrigado a ouvir as caraminholas que um moleque botou na cabeça só pra pendurar esse diplomazinho de sabichão na parede. Diploma não significa experiência, meu filho; tem que ter é sabedoria, conhecimento dos fatos da vida, isso é o que importa. Quer ver uma coisa? Quantos cabras armados você já teve que enfrentar, arma na mão apontada pra você, quantos? Vai ficar calado, né? Tem vergonha da verdade, tem vergonha de admitir que é frouxo. Não diga nada mesmo não que eu adivinho: nunca saiu da barra da saia da mãezinha, conseguiu tudo o que tem com a ajuda de paizinho e a maior ousadia que fez na vida foi voltar pra casa embriagado às seis da manhã. Acertei? Sim, faltou mencionar as raparigas na farrá. Ou será que você já foi jogar no outro time, como parece que todo jovem anda fazendo hoje em dia? Aliás, todo jovem não, que os meus não se prestam a isso. Pelo menos disso você não tem cara, mas o ditado ainda vale: quem vê cara, não vê coração. Nem o cacete! Olhe, eu tiro o chapéu pra você, vou fazer essa concessão. Não fiz outra coisa desde que cheguei a não ser insultá-lo e ▶

▶ você não dá o menor sinal de incômodo, não emite um gesto de indignação. Se fosse comigo, eu já tinha partido pra cima, ainda mais em se tratando de um estranho. Você é frio, rapaz, percebi de cara, teria dado um bom espião. Sabe que eu tentei? Ah, você ainda não sabe nada sobre mim, a não ser as merdas que minha mulher deve ter inventado pra convencê-lo a me receber. Pois então, eu lhe conto o que vale a pena ser dito. Já que não quer falar, fique aí ouvindo, só me faça o favor de desligar esse aparelhinho do demônio, que eu não autorizo ninguém a gravar o que digo não. Onde estávamos? Ah, sim, a espionagem. Eu era do Exército, turma de 68; quando saí de lá, quase entrei pra Polícia. Que loucura, não? Você deve estar se perguntando: por que ele quis trocar o melhor pelo pior? Pois bem, ingressei nas Forças Armadas em 1968; um ano na preparatória, quatro na academia... Foram os melhores da minha vida... Porque ali eu ainda estava na fase dos projetos, das esperanças não perdidas... Ali eu tinha a convicção de que ia botar pra quebrar em cima daquele bando de comunista safado, contribuir para a ordem e o progresso da nação. Nós tínhamos ideais, bons e elevados ideais, e tínhamos líderes. O general Médici, veja só que coisa, tinha sido o comandante da Academia logo antes do meu ingresso. Já pensou?! Mas eu encontrei lá ninguém mais ninguém menos que o grande general Meira Mattos. Que inteligência, meu deus! Mais capaz que ele, só Golbery. Aliás, você leu os artigos que ele publicava na Folha até pouco antes de morrer? Certamente que não, mas vamos lá. Deixei a academia em 73. Confesso que não fui um dos cê-dê-efes da turma, mas vá lá que eu tinha algum brilho. O negócio é que eu estava ansioso pra cair em campo, cumprir missões, caçar subversivos, e isso me deixava inquieto, desconcentrado. Já sei, você vai dizer que aí está o problema, vai querer que eu fale da minha infância, vai querer que eu me torne um maricas. Não, não. Na verdade, eu lhe digo que tudo não passava e não passa de uma questão de testoste-

rona e serotonina. É biologia, meu jovem, a natureza, a vida em ação! Já leu Nietzsche? Não! Pois deveria. Mas então eu saí da academia, e me mandaram pro Amazonas. Não queria, sinceramente não queria. O que eu queria era ir pro foco da porrada, e não me esconder no meio da selva. Mas havia toda aquela anarquia no Araguaia e eu terminei me consolando com a idéia de que poderia ser aproveitado por lá também. Aí é que esteve o problema, ou um deles: não fui. E a coisa foi pior porque (você deve saber, ou não, pouco me importa) os generais entregaram o poder a Geisel e o presidente veio com aquela politicalha de abertura lenta, gradual, o caceté. Ainda me segurei no Exército até o fim dos anos 70, mas aí veio a crise com o Frota e eu percebi que não dava mais pra mim; quando assinaram a lei da anistia, eu pulei fora. Onde é mesmo que eu estava? Ah, a espionagem. Quando Geisel assumiu, eu percebi que o regime ia descarrilhar e decidi que era chegado o momento de acionar meus contatos, dar um jeitinho de me integrar a alguma coisa grande antes que não houvesse mais nada grande a que me juntar. Fiz algumas ligações, cobre a conta de dois ou três favores e consegui a duras penas ser removido pro DOI-CODI em São Paulo. Pena que já tinha passado toda aquela confusão com o Herzog quando cheguei lá, pena maior que não me deixaram entrar em ação e eu continuei aproveitado em funções de escritório, mas, escute aqui, vou lhe contar isso pra você aprender o que é a vida, rapaz: de vez em quando, eu descia lá onde o caldeirão fervia e ficava por trás das portas ouvindo as sessões. Puta merda! Nunca me deixaram participar daquela porra toda! Ainda por cima, quando me pegavam ali, mandavam voltar pra sala. Então, eu tentei entrar no grupo de operações táticas, a turma que montava as ciladas e atraía a peste pra nossa ratoeira, mas também fui recusado. Nunca entendi. Ou entendi: questões políticas. Infelizmente, havia disso também no Exército. E assim eu nunca pude dar colaboração mais efetiva, fiquei aqueles nove, dez anos como quem

come papa, comendo pelas beiradas, por isso terminei caindo fora. Aí, fui procurar outro quartel. Naquele tempo, as coisas eram mais fáceis: era falar com um amigo que falava com outro amigo que falava com quem assinava a portaria e pronto, a nomeação saía no diário. O problema, mais uma vez, é que as coisas não saíram como eu esperava, porque entre mim e o secretário era preciso ter mais que dois amigos e eu só contava com o Holanda e o Saldanha. Ainda hoje eu penso que um daqueles dois safados me traiu. Sinceramente, não entendia por que ficava de fora de tudo a que me propunha, mas hoje compreendo: eu despertava inveja por causa da minha bravura. Só podia ser! Sem falar que, no fundo no fundo, cá entre nós, aqueles dois eram uns belos dos trouxas. O fato é que eu havia cometido um erro, saí do Exército sem nada acertado com a Polícia. Você ainda não sabe, mas logo vai descobrir: a gente se precipita demais e facilmente na juventude em nome de um ideal. Tolice! Tolice! Três vezes tolice! Você mesmo, por exemplo, deve ter ouvido papai e mamãe dizerem: não faça esse curso, bebê, que isso traz muito problema e pouco dinheiro. Não ouviu não? Agora deve estar aí pensando: se eu tivesse seguido o conselho de painho e mainha, estaria batendo o martelo na mesa de audiência e mandando esse velho imbecil calar essa boca do inferno. Hein? Diga aí. Mas não, você quis perseguir um ideal, provar que estava acima das convenções. Não foi assim não? Então fique aí agora e me escute, seu bostinha! Passei por maus bocados, comi o pão que o diabo amassou. Arrependi-me, mas não havia o que fazer e eu não era, como ainda não sou e nunca serei, de choramingar. Fui à luta, meu jovem, como qualquer bravo soldado vai. Depois de uns bicos, terminei me empregando em uma empresa de segurança de valores. É o serviço que me deram? Mais uma vez, era burocrático. Argumentei, mostrei meu currículo, mas eles insistiram que era precisamente o currículo que me recomendava para aquelas funções. Tinham razão, passei ▶

► mais de uma década no Exército carimbando papel e ainda trazia a carta elogiosa de um general confirmando que era aquela porra mesmo a minha serventia. Mas, no fim das contas, foi bom. Ninguém trabalhava mais do que eu naquela empresa. Nem o dono tinha tanta dedicação. Resultado: fui ascendendo com o tempo e, quando dei por mim, era gerente do negócio. Mas nunca me deixariam subir o último degrau, sempre me impediram de chegar ao topo. Talvez minhas origens modestas, talvez minhas poucas qualificações profissionais, talvez o fato de eu ser nordestino. Não sei, não sei. Bom, não fui à Universidade e isso foi uma falha fatal, admito. Enfim, não sei, mas que havia algo de errado havia, e não era só comigo não. Então, mais uma vez na vida, eu compreendi que tinha que tomar o meu rumo. Aí, veio a Constituição de 88, a presidencial de 89, nós perdemos definitivamente o controle da situação pra essa turma que está aí hoje dilapidando o patrimônio da nação e eu fui obrigado a abandonar as poucas esperanças que sobravam. Apurei minhas economias, pedi demissão e voltei à terrinha para abrir minha própria empresa. Mas segurança de casa aqui há vinte e tantos anos? Só havia trombadinha e ladrão de galinha nesse fim de mundo, o mercado ainda não era tão bom como hoje; foi difícil vender o serviço, eu tive que me adaptar, terminei entrando no ramo de segurança de empresas, formei uma pequena clientela e fui tocando o negócio. Minha mulher passou a cozinhar pra fora e os meninos foram crescendo, reduzindo a despesa, a situação foi se ajustando e assim eu terminei de criar a família. Hoje, cada qual cuida da sua vida e eu já posso descansar. Mas você deve estar aí assustado, tentando imaginar se, como dono do negócio, eu finalmente realizei o que tanto queria. Fale, homem, desembuche! Admita pelo menos que está curioso. Bom, eu gostaria de dizer que sim, que finalmente tive a oportunidade de mostrar minha bravura, só que mais uma vez sou obrigado a responder que não. Ou quase isso. Pois bem, só consegui

a princípio contrato com casa comercial, depois fui ampliando minha cobertura e, finalmente, entrei no distrito industrial. Aí o faz-me-rir deixou de pinga-pinga e entrou um bom dinheiro no caixa, a empresa cresceu e eu pude relaxar. Mas foi precisamente então que o negócio deixou de me dar tesão, sabe, porque não tive mais como resistir às reclamações da mulher e terminei contratando gente pra cuidar das coisas na minha ausência, que foi ficando maior à medida que o tempo passava. Primeiro aos domingos, depois aos sábados, aí vieram os feriados, uns diazinhos de férias; quando dei por mim, era um pequeno-burguês barrigudo e acomodado. Fiquei aperreado, decidi dar uma sacolejada no esqueleto e passei a fazer visitas repentinas à empresa nos finais de semana. Um belo dia, cheguei no exato instante em que o alarme de uma ocorrência soou. Mais de dez anos monitorando muros e portas e nunca tinha apanhado mais que gato por lebre. Fui ao local e peguei o pivete pela gola. Não estava à procura de dinheiro o desinfeliz. Era uma indústria química, ele queria pó. Veja bem, já naquele tempo! Arrastei o moleque pra uma sala e prometi que lhe daria as lições que o pai tinha negligenciado. Minha vida profissional inteira passou pela cabeça naqueles cinco minutinhos de emoção, mas aí chegou o dono, colocou panos quentes e deu o assunto por encerrado. Filho da puta! Então, o que aconteceu? Voltei pra minha vidinha burguesa, deixei passar o resto de tempo que faltava e me aposentei. Quatro mil contos no bolso, mais umas migalhas da mulher, contando ainda os alugueizinhos que fui acumulando ao longo dos anos de vacas gordas e o dinheirinho da venda do negócio. Virei o quê? Um vovô de respeito; frustrado, fracassado, mas de respeito. Pra não pirar, passei a ajudar meu filho nas representadas. Meio expediente no escritório, pra dar uns palpites, mas sem apitar em nada. Então, eu pensei que fosse sossegar. Que nada! Comecei foi a remoer o passado, lamentar o perdido e descer o chicote no coração. Passei a sentir uma inquietude

no corpo, uns apertos no peito e uma sensação de colapso a qualquer instante, o que me traz pra este lugar hoje, mas só por hoje e não mais que por trinta, quarenta minutos. Aliás, já devemos estar no fim, não? Tá tudo aí e eu não tenho mais nada pra acrescentar. Ou melhor, por que estou aqui? Era disso que a gente, que eu falava no começo, não era? Um jogo de tabuleiro, desses que o sujeito começa a jogar à força e só para na força. Meu neto apareceu com essa novidade lá em casa faz uns meses e a gente começou a jogar, primeiro aos domingos, depois também aos sábados e, quando dei por mim, não queria mais parar. Por quê? Imagine você o Império Romano, aí está o mapa no tabuleiro, e se ponha no lugar de Cipião expandindo as fronteiras da República, conquistando Cartago e o mundo pra Roma. Você trucidada as legiões inimigas sem movimento de direitos humanos no seu pé pra protestar contra isso e aquilo, você desce o chicote nos seus subordinados sem justiça do trabalho pra apitar o que pode e o que não pode fazer, você manda no pedaço mais do que marechal em campo de batalha e não aparece um jornalistazinho de merda que seja pra vender manchete às suas custas. Pois bem, foi assim que passei a me sentir, Cipião em carne e osso. Depois disso, a inquietação, os apertos, o colapso, tudo isso se escafedeu de tal forma que tomei gosto pela coisa toda e decidi levar a sério a brincadeira. Olhe, eu mesmo mandei fazer a túnica. Não me cai bem que é uma beleza?

— Voinho, abriram a porta, agora é pra valer.

— É o quê?! Ah, sim! Vou e volto num pulo, me aguarde aí. (Punho direito socando o ar.) Liquidado esse cartaginês em dois tempos! ✘

Thiago Lia Fook Meira Braga é escritor. Publicou *poesia natimorta e versos sobreviventes* (Bagagem, 2010) e *subversos* (Edições Recusadas, 2016). Mora em João Pessoa (PB).

O NOME DO BARCO É **AMOR**

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

Para Helena e Társis

...não falou Blimunda, não lhe falou Baltasar, apenas se olharam, olharem-se era a casa de ambos. José Saramago

Mãos e mamilos

Sentido que salta o desejo. Ensejo de cada dedo que toca. A corda. Acorda harmonias no silêncio das lágrimas. Lágrimas saltam ao colo, alcançam uma promessa dos mamilos. Não se chora o leite derramado. Mãos sossegam os olhos. Olhos do colo, na bandeja da santa no altar, e olhos da cara. Mãos em concha apagam lágrimas, leite, desejo. Mãos em concha são como peitos de vó: côncavas e convexas, acaloram e acalantam. Reconvexo.

Ser e estar

Afeto que induz o desejo. Enlevo do corpo que toca. (En)cantos de amores contrariados. Conhecer, saber, crer, esquecer. O tempo do sim. O tempo do anonimato. Perguntas em vão rodopiam exuberantes. Anseio de sair. Vontade de mentir. Iminência de perdão. Quando a dor pareceu um grão, um nada, e é um estar-sem-chão. Entre ser e estar, perdidos vagam. Mil perdões.

Remos e mãos

Barco que conduz o desejo. Relevos das águas que toca. Ventos, ondas, mãos, remos. Algo conduz às respostas. Meio e margens: uma, segunda, terceira. Na proa, na popa. No estribo, o gemido de quem fica e de quem parte. Mães e arpões choram. Remos são mãos abertas e em seta. Indicam. Não apagam lágrimas. Abrem valas num cemitério aquoso e ignoram o clamor. O nome do barco é amor. Travessia.

Agora e infinito

Solidão que adormece o desejo. Espesso, em cada saudade, um milagre da morte. Pro-fun-da-men-te. Dedos, lábios, múltiplos espasmos de líquido quente. Pausas de línguas cansadas, de beijos e palavras. Palavras que rompem um muro de dentes: o osso da razão. Tesão acomodado no ventre que gesta solidão. O desejo é agora. O infinito é outra história. Tempos amalgamados em uma espera. É o que (não) interessa. ❖

IMAGEM DE FUNDO: PAISAGENS, DE SÉRGIO LUCENA

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em Belo Horizonte (MG).



124
Anos

2017





uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  uniaogovpb@gmail.com

**O SENAC JÁ TRANSFORMOU A VIDA
DE MILHÕES DE BRASILEIROS.
E ESSA HISTÓRIA ESTÁ APENAS COMEÇANDO.**

b binder



Em 70 anos, o mundo não parou de mudar. O Senac também não. Por isso, capacitamos milhões de brasileiros em nossos cursos presenciais e a distância, investimos em infraestrutura, desenvolvemos tecnologia, produzimos conhecimento com a publicação de materiais didáticos e contribuimos para o crescimento de empresas com nossas consultorias. Assim, provocamos verdadeiras transformações de vidas, com reflexo imediato no mercado que recebe profissionais muito mais qualificados e preparados.

SENAC 70 ANOS. ESTA HISTÓRIA ESTÁ SÓ COMEÇANDO.

